

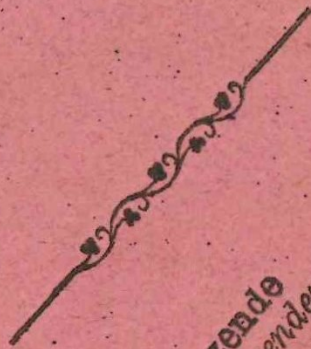
M. VILLAS-BOAS



ENSAIOS

DE

HISTORIA PRAGMÁTICA



Espozende  
Typ. Espozendense  
1890



1(042.3)





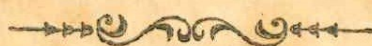


*A Club Democrático Barcelense,  
em penha da minha subscrita homenagem*

M. VILLAS-BOAS

*off.  
Barcelense*

# ENSAIOS DE HISTORIA PRAGMATICA



MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59941

*Barceliana*

ESPOZENDE  
Typ. Espozendense  
1890

Legado  
Álvaro Arezes L. Martins







Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro

**JAYME MONIZ,**

meritissimo Director do Curso Superior  
de Lettras de Lisboa

Em penhor de respeitosa estima e indelevel gratidão

G. D. & G.

**O auctor.**







Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro:

Dedicar a V. Excellencia este trabalho humilde, é dever de gratidão: cumpro o gostoso, inscrevendo na primeira pagina d'este livro o nome illustre do Mestre venerando que sempre distinguio com provas de amizade fidalga e generosidades de benevolencia a quem, de si, pouco ou nada vale.

Oxalá possam estas modestas paginas testemunhar, embora imperfeitamente, o muito que deve a V. Excellencia o

seu discipulo obscuro

*Espozende.*

*Villas Boas*







AO EX.<sup>mo</sup> SNR. CONSELHEIRO

Manoel Pinheiro Chagas

meritissimo lente cathedratico  
no Curso Superior de Lettras de Lisboa

**Em testemunho de respeito,  
admiração e amizade**

O. D. e C.

O auctor.







*Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro*

*Não sei negar o preito sincero de minha homenagem aos homens da sua estatura.*

*Collocando sob a egide do seu nome glorioso—nome que bem cedo me acostumei a venerar—este modesto trabalho, faço publico quanto lhe deve o mais obscuro dos seus discipulos.*

*Espozende.*

*Villas Boas.*







## DUAS PALAVRAS

Baseando-se nos dados da observação e da experiencia, coordenados pelo raciocinio inductivo, na severa e aprofundada analyse das relações dos phenomenos, a moderna sciencia social, eliminando por completo todas as opiniões antecipadas, todas as idéas e principios adrede preconcebidos, veio dar uma nova e mais logica orientação ao estudo das aggremações humanas, preparando saudavelmente a mentalidade das hodiernas gerações para a comprehensão dos arduos e complexos problemas historico-sociaes. E' este, por sem duvida, um dos mais brilhantes titulos de gloria do grande e genial Comte.

Para a sociologia positiva, a humanidade, quer no seu conjuncto, quer em cada uma das cathegorias em que se reparte a actividade social, tem leis proprias a que se subordina em seu evolucionar constante; tem uma marcha certa, determinavel, mau grado os desvios que possa soffrer na proseguição do caminho traçado pelas leis superiores da historia, se bem que, muitas vezes, em virtude da mesma complexidade phenomenical dos compostos super-organicos, da variedade dos seus factores determinantes, se torne difficil estabelecer-lhe a precisão scientifica, com aquelle rigor mathematico que tanto fôra para



desejar-se. Não negamos em modo algum este obstaculo que, não raro, toma o passo às investigações sociologicas: desconhecel-o fôra cerrar olhos á verdade, à evidencia.

Todavia, porque o campo propriamente experimental se alargue dia a dia, e porque muitos dos capitulos em que se divide a novel sciencia abandonem as idealidades da rhetorica metaphysica, temos fê que o estudo das sociedades, que em todo o caso se affirmam claramente como terreno animado de verdadeiras forças vivas, de principios profundamente organicos; temos fê, dizemos, que em época não mui remota logrará a novel sciencia attingir o grau de perfeição de que ainda hoje, mau grado os esforços de tantos trabalhadores indefesos, não dispõe. Para este fim, porém, para que possamos alcançar este *desideratum*, urge que todos deponham a sua pedra, por pequena e humilde que seja, nos alicerces do grande e esplendoroso edificio.

N'estes insignificantes «*Ensaaios*», a que mettemos hombro, feitos mui ao correr da penna, procuramos, consoante as nossas forças, mostrar as características de um certo numero de collectividades historicas, concorrendo, assim, com a nossa quota de trabalho para o ensaio commum. Este o nosso fito. Se da leitura d'estas paginas o leitor poder colher uma idéa aproveitavel, um ponto de vista suggestivo, por bem pagos nos daremos do nosso labor. De resto, quer-nos parecer que em meio da anarchia intellectual e moral que lavra por todo Occidente, n'esta hora de duvidas cruciantes, não serão de todo o ponto inuteis os levantados ensinamentos da historia philosophica. Porque, desde que se assente que a sociedade não é materia amoldavel aos caprichos e desejos de philosophos e legisladores idealistas, uma imaginosa concepção metaphisica, senão uma entidade activa, verdadeiro organismo que se desenvolve segundo leis determinadas, a politica, cujo fim é, como muito bem diz um dos mais pujantes espiritos da moderna geração portugueza, a coordenação das inergias sociaes, deixará o empirismo da rotina, abandonará o falso ponto de vista do liberalismo romantico, tão palavroso quanto esteril em resultados patrios e positivos, para se volver em estimulo de ordem e progresso, sugeita ás leis da biologia e da historia. Como observa o illustre e sabio Littré, as noções de justiça, bem, liberdade, aperfeiçoamento, etc., etc., apparecem segundo os tempos e os logares, exigindo satisfações successivas que o individuo só de per si., isoladamente, não poderia effectuar, que a sociedade inspira e o estado realisa.

Consequentemente, o fim, a alta missão das classes dirigen-



tes, quando lhes não fallece orientação philosophica, é saber comprehender o valor e extensão do movimento historico, não o desviando do seu curso normal, sendo conservadoras e progressivas como a propria natureza, sabendo, n'uma palavra, equilibrar a ordem com o progresso, harmonisar a existencia ordeira do maior numero com as idéas e principios novos. Toda a vez que a politica, desprezando os ensinamentos superiores da sociologia, voltando costas às lições da historia, se abandona aos expedientes de occasião; toda a vez que não busca comprehender, atravez as oscillacões da humanidade, a verdadeira corrente historia do progresso, deixa de ser estímulo de aperfeiçoamento e motivo de ordem, para se volver em anarchia de opiniões individuaes, em paliativos de occasião, sem convergencia possivel para um alto fim social. E nenhum estudo mais de molde a educar e espirito publico, a dar a comprehensão nitida dos problemas sociaes do que o da historia. Pela largueza do seu quadro, pela amplidão dos seus horizontes, pela materia de suas investigações, pelo doutrinação de suas lições—a historia será sempre a conselheira dos povos, a companheira dilecta de quantos sabem *sentir* e *crer*.

Nas modestas paginas que vão lêr-se, procurou o auctor um conforto e uma esperanza. Terá elle, sem armar ao effeito, attingido o seu alvo? O leitor benevolo e intelligente decidirá.

Terminando, aqui consignamos o nosso agradecimento sincero ao nosso bom amigo e distincto professor Manoel A. Ferreira Deusdado pelas lisongeiras expressões com que recebeu este trabalho humilde. Como S. Ex.<sup>a</sup> verá, n'esta segunda edição, consideravelmente melhorada, aproveitam-se muitos dos seus conselhos. A critica imparcial e illustrada, é sempre bem vinda.

O auctor.







Nous sommes dans une période  
d'étude, de critique, de recherche,  
de préparation.

*Paul Janet.*

## I

### A Raca

Assente que os compostos sociaes se subordinam a leis, urge determinar os seus elementos componentes, os factores ultimos da resultante historia.

Sem nos abalançarmos a indagar da origem das raças humanas, sem investigarmos, por alheio ao nosso proposito, se a *raça* é *especie* ou *variedade* da especie, podemos, para o nosso fim, admittir que ás trez grandes zonas da terra—*artica*, *temperada* e *tropical* correspondem, respectivamente, a despeito das deslocações historicas, tres typos profunda-



mente característicos—o *caucasico*, o *mongolico* e o *negro*, (1) considerando-se as raças *americana* e a *malaia* como variedades intermediarios. (2)

Em these, e a verificação concreta dos factos o comprova, não será temeridade dizer-se, que cada um d'estes grandes typos, com dotes ingenitos e disposições hereditarias, (3) hão de ter forçosamente na historia funcções diversas. E assim, se comprehende, por exemplo, que uma raça inferior, dada aos prazeres sensuaes, presa dos appetites nutritivos, vivendo em local hostil ás altas manifestações da actividade humana, não possa occupar no quadro da historia universal o logar escolhido de uma raça de elite. Mas ainda entre raças superiores a distincção claramente se mostra. Haja vista as raças *germanica* e *latina*.

Ao lado das acções provocadas pelo *local* e pelo

(1) Vid. Dr. Th. Braga—*Systema de Sociologia*.

(2) Alguns anthropologistas, tomando para criterio das classificações ethnogenicas a forma do craneo e a abertura do angulo facial, dividem os povos em quatro classes: *dolicocephalos*—*ortognatas* (cabeça comprida e face direita), *dolicocephalos*—*prognatas* (cabeça comprida e maxillas salientes), *brachicephalos*—*ortognatas* (cabeça curta e face direita), *brachicephalos*—*prognatas* (cabeça curta e maxillas salientes); outros, com Gratiolet, partindo do desenvolvimento das diversas regiões do craneo, distinguem as raças humanas em frontaes, parientaes e occipitales; e outros finalmente, com Bory de Saint-Vincent, apoiando-se na forma do cabello, dividem-as em duas grandes classes: *raças ulotricas* (cabellos crespos) e *raças leiotricas* (cabellos corredios). Para Blumenbach, que se baseiava na coloração da pelle e no habitat geographico, a especie humana comprehende: a raça branca *caucasica* (*caucasica*), a raça amarella *mongolica* (*mongolica*), raça negra *ethiopica* (*aethiopica*), raça vermelha *americana* (*americana*) raça escura *malaia* (*malaia*). Prichard, por seu lado, notando que os caracteres physicos dos povos se modificam considereavelmente pelos habitos contrahidos e pelo genero de vida, divide-os em: *povos selvagens e caçadores*, *povos pastores e nomadas* e *povos civilisados*.

(3) Vid. Blunischli—*«La Politique»*.



*momento*, é mister collocar as reacções do individuo, manifestadas nos diversos pontos do espaço e nos diversos momentos do tempo. Muitas causas, diz o sr. Oliveira Martins, tornam os agrupamentos de homens diversos entre si; mas acima de todas essas causas é mister por sempre, como fundamental, a capacidade ingenita da raça. (1)

E de feito, no trabalho da civilização, convergencia de varios factores, resultante de complexos elementos, cabe á raça um papel de primeira valia.

Forçoso é ver: ha raças superiores e raças inferiores, ha povos diversos. Por isso pensamos, contra Renan, que uma raça antropologicamente inferior, como a negra, jamais poderá desenvolver uma civilização completa, visto que toda e qualquer manifestação super-organica se torna fundamentalmente impossivel sem um desenvolvimento correlativo dos centros nervosos, (2) sem um certo numero de tendencias hereditarias.

Certo que a estabilidade das qualidades caracteristicas dos povos não se póde tomar, como querem alguns, em sentido absoluto, mercê das acções e reacções a que os povos de *cultura* estão sujeitos em toda a sua vida, já por parte dos factores propriamente de natureza, já por parte do ambiente intellectual e moral e do conjuncto dos antecedentes historicos; no entretanto, sob essas mutações, alguma coisa ha que, stratificando-se, se torna o apanagio de um povo e facto importantissimo para a nitida comprehensão da historia—seja o *character*,

E que os povos pela adaptação a um novo estado social, pelos contactos ethnographicos, pela educação historica podem, dentro de certos limites, modificar a sua indole propria, ninguem razoavelmente o contesta.

Os judeus, que no seu paiz se entregavam quasi exclusivamente á agricultura, hoje, em as nos-

(1) Oliveira Martins—«*As raças humanas e a civilização primitiva*», t. I. Introd.

(2) Vid. Ch. Letourneau—«*Science et Materialisme*».



sas sociedades modernas, applicam-se, por via de regra, ás operações financeiras, tendo modificado, correlativamente, o seu character primitivo; na China, o feroz mongol tornou-se hypocrita e servil; na Persia, o altivo eranio fez-se covarde e feroz. (1)

Bem sabemos que ha quem sustente, que as differenças ethnicas não teem nada de estaveis, e que o chamado *genio dos povos* não passa de uma abstracção. Estas objecções, porém, não se estribam em solidos argumentos. Ninguém põe em duvida que os povos, mercê de variadas e complexas causas, possam modificar n'um determinado sentido as suas aptidões, pois negal-o seria considerar a raça um factor estacionario, o que tanto importava negar-lhe a virtualidade para um progresso mais ou menos complexo. Mas uma coisa é modificar-se, como observa o professor Malfatti, e outra transformar-se. As modificações por maiores que sejam, a não se admittir que se transmittam atravez longas gerações, fixando-se hereditariamente, não actuam sobre a fórmula original do espirito, do character primordial, esse como resumo de todas as acções e sensações precedentes, no dizer do critico Taine (2).

Os osmanlins, apesar da sua longa estada na Europa e da influencia da civilisação occidental, apresentam-se ainda hoje como povo de estirpe differente; os slavos e os tedescos, mau grado o contacto em que vivem, conservam o seu typo psychico particular; os ciganos vivendo sob systemas politicos differentes, em contacto com povos de cultura e tradições diversas, manifestam-se sempre, e em toda a parte, com aquelle espirito de vagabundagem, aventureiro, que os torna incompativeis com as nossas sociedades policiadas; o hungaro, seculos rodados, ainda deixa transparecer o seu parentesco com os hunos. (3)

---

(1) Vid. Ch. Letourneau—«*La Sociologie*.»

(2) Vid. H. Taine—«*Hist. de la litt. anglaise*», t. I, Introd.

(3) Vid. Th. Rib.—«*L' Hèreditè psychologique*» Mal-



Mas o character, as aptidões de um povo podem modificar-se, como acima o dissemos. Entre esses estimulos determinantes de qualidades novas convem citar os cruzamentos physiologicos, e se bem que não convirjam ao mesmo juizo os pareceres dos anthropologistas, relativamente a este ponto, querendo uns com S. Agassiz, A. Gobineau, Dally, etc., que o producto commum seja inferior aos elementos cruzados, e affirmando outros com De Quatrefages, que o mestiço apresenta qualidade de valia, quando collocado em condições proprias a desenvolver essas tendencias naturaes.

Que o encontro de duas raças de tendencias e aptidões oppostas, ou collocadas em momentos de civilisação profundamente distanciados, dê como resultante um producto em que se accentue o antagonismo dos elementos geradores, é de ver: a existencia anarchica das republicas hispano-americanas tem como razão explicativa, no dizer do Dr. G. Le Bon, (1) este facto.

Mas outro é o ponto de vista em que nos collocamos, quando se trate do cruzamento entre raças superiores. Roma tira muito da sua vitalidade da fusão dos Lucerenses, Ticienses e Ramnenses, e toda a sua grandeza começa verdadeiramente, como muito bem observa Bluntschli, depois de permitido o *connubium* entre patricios e plebeus; na meia idade, todos conhecem das consequencias historicas do cruzamento entre latinos e germanos; a nacionalisação ingleza só se afirma vantajosamente depois da invasão normanda; a allemã tão pujante, só depois da integração do elemento slavo da Prussia, (2) e modernamente, em nossos dias, é ao cruzamento de raças diversas e superiores que os Estados Unidos devem a sua vigorosa e

---

fatti—«*Ethnografia*».

(1) Vid. Dr. G. Le Bon—«*L'Homme et les sociétés*», 2 vol.

(2) Vid. Dr. Th. Braga—«*Theoria da Hist. da Litt. port.*» edic 1881.



activa população (1). Cremos mesmo poder affirmar-se, que a heterogenia das nações occidentaes é uma das causas da sua aptidão para as transformações sociaes.

Mas dada a importancia do factor *raça* no desdobramento da historia, seguir-se-ha, como corollario, que um povo seja protestante ou catholico, escravo ou livre, pelo unico e simples facto de pertencer a esta ou áquella *raça*? Tal não é a nossa opinião. Não ha duvidar que os povos se differenciam uns dos outros: ha povos dados ao culto da independencia individual como os germanicos, outros ao cosmopolitismo commercial, como os semitas, outros ao formalismo juridico como os latinos; todavia não é isto motivo bastante para que se tome a *raça* como suprema cathegoria explicativa da historia.

Se a noção concreta da liberdade fosse prerogativa do germano, os latinos seriam, em verdade, povos improgressivos, sujeitos a um papel bem secundario na historia. E no entanto—que contradicção!—emquanto o grande Napoleão passeava victoriosamente pela Allemanha, fazendo dobrar a cerviz aos descendentes do illustre Frederico II, um povo de *raça* latina não duvidava afrontar nos combates, nos campos de batalha a coragem e o valor dos seus aguerridos granadeiros!..

---

(1) Dr. G. Le Bon—*Obr. Cit.*; Dr. Th. Braga—*Systema de Sociologia*; Bluntschli—*«La Politique*, tr. fr.

(\*) Vid, Laboulag—*«Le parti liberal, son programme et son avenir*; Macuedsley—*«Physiologie de l'esprit.»* tr. fr.



## II

### O Habitat

Se o mundo e o homem formam, no dizer da sciencia moderna, um todo organico, evidente a influencia do local sobre as manifestações historicas. Este ponto de vista não é novo. Já na antiguidade classica, Hyppocrates dizia—«que as regiões montanhosas produzem seres de desenvolvido talhe, e as regiões planas, seres de pequeno talhe»; os athnienses, comparando o seu magnifico clima com o da Beocia, não duvidavam affirmar, que o espirito attico havia de ser tão subtil, quanto pesado e moroso era o dos seus vizinhos.

Em geral assim foi sempre; porque se o homem, mercê da sua intelligencia, pôde modificar a natureza, adaptando-a ao seu serviço, a seu turno o *meio* modella o homem.

E em tanta maneira é importante a acção do local sobre o curso da historia, que as designa-



ções ethnicas *accádio* e *sumir* correspondem na raça turaniana, ou melhor uralo—altaica, (1) ao habitante das montanhas, fundador das civilizações chaldaica e babilónica, e ao habitante das planícies, repellido para as montanhas pelas correntes migratorias. (2)

Sir John Lubbock caracteriza perfeitamente esta influencia do meio cosmico, quando diz, que na America não foram os habitantes dos valles do Mississippi e do Amazonas os que se elevaram á civilização, senão as gentes das montanhas e das florestas do Mexico e do Peru. (3)

A historia vem em abono d'este ponto de vista. Os phenicios, a despeito do determinismo da raça, só se avantajaram como povo navegador quando, estabelecidos nas costas da Syria, puderam haver o cedro e o cypreste das florestas do Libano; os arabes, se bem que não sendo um povo barbaro no rigor do termo, só desenvolveram aquella brilhante civilização de que resa a historia, quando fixados nas ridentes regiões da Asia menor, da Asia Central, do norte da Africa e na Hespanha. Ainda hoje, enquanto os tartaros mongoes vagueiam no estado nomada pelas aridas steppes da Asia septentrional, os seus descendentes chinezes e japonezes desenvolvem grandes sociedades civilisadas. (4)

«O homem não é decerto um producto do local (ou do *meio*, como se diz em francez) em que vive, mas as condições da existencia influem de um modo positivo, não só no sentido de caracterisar as manifestações do desenvolvimento physico e moral das sociedades; não só no de permitir ou impedir, fomentar ou embaraçar, a germinação das sementes que a natureza poz na intelligencia humana,—mas até no sentido de influir na

(1) Vid. Girard de Rialle—«*Les Pouples de l'Asie et de l'Europe*».

(2) Vid. Dr. Th. Braga—«*Hist. Universal*», t. I Idem «*Systema de Sociologia*».

(3) Vid. Sir J. Lubbock—«*Origines de la Civil.*», tr. fr.

(4) Vid. Ch. Letourneau—«*Science et materialisme*».



constituição dos homens, de um modo tal que chega a determinar sub-categorias de capacidade ethnica, dentro d'essas cathegorias consideradas primitivas que levam os anthropologos a negar a unidade especifica e a dividir a humanidade em doze especies, ou raças naturaes.» (1)

Certo que o local é inegavelmente um dos mais energicos factores no desdobramento da trama historica; todavia urge não esquecer as aptidões ethnicas, e as circumstancias do *momento*; porque a admittir-se, como queriam as velhas theorias, que o homem é um simples producto do seu habitat geographico, seria de todo o ponto incomprehensivel como é que, emquanto os hellenos, mau grado a belleza do seu clima, perdiam as suas varonis qualidades o altivo sentimento de independencia, os persas, a despeito da fatalidade do clima, que os condemnava à *molleza e á servidão*, ousavam medir-se com as legiões romanas; e como é que nos paizes quentes, como muito bem nota Volney, a classe dos tyrannos tem mais energia para oprimir e o povo menor energia para resistir, para se deffender. As mesmas objecções se levantam contra a influencia absoluta das instituições religiosas e civis. A doutrina religiosa que comdemna o turco á immobibilidade é a mesma que lançou os arabes á conquista do mundo.

Sem duvida que não é indifferente para um povo o viver em fertes planicies ou no deserto, nas montanhas ou á beira mar, em locaes isolados, ou sujeito ao embate com outros povos: ha sempre uma intima e estreita correlação entre o que o homem é e a natureza do territorio, entre o habitat e a constituição physica e moral dos povos. (2) Porque se para a comprehensão do drama grandioso da historia é preciso, antes e primeiro que tudo, ter em vista a capacidade da raça, força é confessar, que essa capacidade de pouco vale se

---

(1) Snr. Oliveira Martins—«*Obr. cit.*», t. t. I. Introd.

(2) Vid. E. Renan—«*Vie de Jesus*»; J. Soury—«*Études hist., sur les relig., les arts, la civil, etc.*» I



lhe fallecem as condições próprias para o seu desabrochamento, se o local lhe é fundamentalmente hostil. (1)

No dizer de Herder, o Mediterraneo foi o agente propulsivo da civilização occidental. (2)

---

(1) Vid. snr. Oliveira Martins—«*Obr. cit.*»; Th. Buckle—«*Hist. de la civil. en Angleterre,*» vol. I.

(2) Vid. Herder—«*Phil. da Hist.*» liv. XII.



### III

#### O meio social

Mas os povos, como os individuos, não estão simplesmente sujeitos ás influencias do meio cosmico: a sociedade é por egual um factor de alta valia no seu movimento historico, é um factor que os domina fatalmente. Se no ponto de vista abstracto podemos considerar as sociedades humanas como formadas de individuos independentes, na realidade, no campo concreto dos factos, desde que nascemos encontramos-nos n'uma corrente de sentimentos e idéas que nos impelle ou nos atrophia, de modo que ha sempre uma estreita correlação entre a physionomia psychologica do individuo e o seu meio social.

E assim se comprehende que as creações artisticas verdadeiramente duradoiras sejam aquellas que ao elemento individual reünam o character social, as tendencias de uma dada epoca; e aquellas que, dando a afinação psychologica do artista, põem em



evidencia as tradições e aspirações da grande collectividade. A obra artistica affirma-se, assim, um producto do homem e da atmosphaera moral e intellectual.

Ao lado do grande Shakspeare, o mais profundo e genial conhecedor do coração humano, que á primeira vista parece uma maravilha caida do ceu, encontram-se escriptores como Ben Jonson, Marlowe, etc.; ao lado do giganteo vulto de Rubens, artistas como Abrahão Jansens, Van Roose, van Dick. (1)

O esplendido desenvolvimento da tragedia grega coincide com o momento em que os hellenos, á voz dos seus capitães famosos, se accendem em enthusiasmos de civismo, e, luctando barba por barba contra o despotismo asiatico, estabelecem o seu ascendente no mundo civilisado; a bella architectura gothica floresce com o estabelecimento definitivo do regimen feudal na semi-renascença do XI seculo, e assim a litteratura romana do VIII seculo, d'essa época tão agitada, batida de interesses e sentimentos tão desencontrados, quando Roma republicana desaparece para ceder logar ao Imperio; quando os dois ramos italo-grego se fundem, enlaçando-se o exclusivismo da civilisação de uns e o exclusivismo politico de outros em graduada tela. (2)

E' que tendo cada seculo o seu espirito proprio, a sua individualidade caracteristica, todas as manifestações da actividade humana hão de amoldar-se a esse *consensus* harmonico.

Não havendo nada immovel nos dominios da historia, o que em certo momento se affigurava generosa utopia, affirma-se posteriormente como realidade concreta.

«Acossada e perseguida no seculo primeiro, a doutrina stoica impõe-se victoriosamente no secu-

---

(1) Vid. H. Taine—«*La Philosophie de l'Art.*» 2 vol.

(2) Vid. Th. Mommsen—«*Hist. Romaine,*» trad. fr. t. IV e V.



lo segundo; mau grado toda a sua brilhante tradição, em fins do seculo terceiro, a idéa da unidade imperial é suplantada pela tendencia a dividir, a descentralisar as forças, a separar as regiões, a estender as tribus, a levantar cidades frente a cidades, povos frente a povos, tendencia precursora da anarchia germanica». (1) E nem de outra fôrma fôra possivel encontrar um conteudo moral que legitimasse superiormente a divisão da historia em periodos.

O espirito do tempo é, na phrase de Bluntschli, o progresso em acção. (2)

«Cada seculo, diz E. Castellar, se o estudaes a fundo, tem um character preeminente que o separa dos demais seculos.

«O seculo primeiro é o seculodo imperio de Roma e da revelação do christianismo; o seculo segundo é o seculo dos stoicos no imperio, dos gnosticos na philosophia, dos apologistas na religião; o seculo terceiro é o seculo dos philosophos alexandrinos e dos Padres da egreja; o seculo quarto é o seculo da definição do dogma, de Iliberis, de Nicéa, de Constantinopla, de St.<sup>o</sup> Athanasio; o seculo quinto é o seculo dos barbaros, de Ricimero, de Genserico, de Odoacro, de Atila; o seculo sexto é o seculo da reconciliação dos barbaros com a Egreja por Clodoven, e da reconciliação do direito romano com a idéa christã, por Justiniano; o seculo setimo é o seculo dos arabes; o seculo oitavo é o seculo do encontro dos arabes com os godos na Hespanha, e do encontro dos francos com os longobardos na Italia, seculo da guerra de todas as raças; o seculo nono é o seculo em que desaparece a ultima sombra do imperio com Carlos-Magno, e apparece a primeira sombra do novo feudalismo com os normandos; o seculo decimo é o seculo em que se fortifica a idéa feudal, e em

---

(1) Vid. Emilio Castellar—«*Discurso leído en la Academia Española, el 25 de abril de 1880*».

(2) Vid. Bluntschli—Obr. cit.



que o kalifado de Córdoba traz ao seio da Europa um sopro de orientalismo; o seculo decimo primeiro é o seculo da grande lucta do pontificado com o imperio, o seculo de Gregorio 7.<sup>o</sup>; o seculo decimo segundo é o seculo das Cruzadas; o seculo decimo terceiro é o seculo da theologia, que tem o seu pensamento em S. Thomaz, a sua poesia no Dante, a sua architettura nas cathedraes de Colonia e de Toledo, o seu codigo nas Partidas, a sua politica em S. Fernando e S. Luiz, a sua personificação em innocencio III; o seculo decimo quarto é o seculo em que os jurisconsultos começam a combater o predominio politico do Papa, a idéa geral da Edade media; e os reis a combater o predomnio social da nobreza, a idéa particular da Edade media, seculo em que mais se peleja pela unidade da monarchia, seculo de Philippe o Formoso de França, de Pedro IV de Aragão, de Affonso XI e Pedro o Cruel de Castella; o seculo decimo quinto é o seculo do despertar da natureza e da arte, o seculo dos grandes descobrimentos, da bussola, da imprensa, da viagem epica dos portuguezes ao Oriente, da viagem mythologica dos hespanhoes á America; o seculo decimo sexto é o seculo das luctas theologicas no dominio da consciencia, e das guerras religiosas no espaço, o seculo de Luthero e Leão X, o seculo de Carlos V e Francisco I, ultimas personificações da cavallaria da Edade media, o seculo de Henrique VIII, o machiavelismo dos protestantes, e de Philippe II, o machiavelismo dos catholicos; o seculo decimo setimo é o seculo da philosophia, em que o espirito se conhece a si mesmo em Descartes, e se dilata em a natureza com Espinoza e com Locke, e em Deus com Bossuet e com Leibnitz; o seculo decimo oitavo é o seculo da critica de todas as antigas idéas na consciencia e da revolução contra todas as antigas instituições na sociedade, seculo que começa com a *Encyclopedie* e fecha com a *Critica da razão pura*, que começa com Voltaire e acaba com Kant; o seculo de Rousseau, a idéa, de Mirabeau, a palavra, de Danton, a acção; e o se-



culo decimo nono é o seculo em que a humanidade tem consciencia de si mesma e de sua larga vida, seculo da harmonia de todas as faculdades, de todas as direcções do espirito, o grande seculo da philosophia da historia e da idéa do progresso.» (1)

---

(1) Vid. E. Castellar—«*Discursos Academicos*».



## IV

### A luta pela vida

Como muito bem diz o inglez Carlyle, n'aquelle seu estylo tão pitoresco e tão vivo, toda a questão entre dois seres humanos se resume no seguinte: Posso matar-te? poder-me-has tu matar?

Pouco importam as declamações do sentimentalismo piegas: a natureza não conhece a compaixão. Nos movimentados lances da historia, nas luctas travadas sob as enganadoras vestes da civilisação, o homem continua a ser um bravio animal, o mais feroz inimigo do seu semelhante; e ai d'aquelle que se não affirma valorosamente, que se não defende *unguibus et rostris*!.. Povo que se não impõe, que se não affirma valorosamente em meio da concorrência vital, é povo condemnado pela historia.

Não padece duvida que essa concorrência, entre os povos civilisados, não se apresenta com o character brutal e feroz, condiccionador do primi-



tivo viver da humanidade; todavia, como quer que ella seja um dos mais energicos estimulos de progresso, collocal-a de parte é falsear a comprehensão dos desdobramentos sociaes. (1)

Quer no campo da lucta armada, quer no pleitear de primazias industriaes e commerciaes, os homens jamais deixarão de entoar uns contra os outros o *vae Victis!*

E que a lucta é condição de progresso, bem o mostram alguns publicistas, quando aferem o desenvolvimento de civilisação dos povos pelo aperfeiçoamento dos seus armamentos militares.

No banquete da civilisação universal, occuparão sempre logares de honra as raças que dispozerem de qualidades mais varonis. Se os Estados-Unidos da America do norte chegaram ao grau de prosperidade, ao espantoso desenvolvimento que os caracteriza, é porque, como diz o Dr. G. Le Bon, a sua população é formada da reunião dos homens mais energicos, mais emprehendedores e mais vigorosos da Europa, e o individuo que não possue estas qualidades desapparece fatalmente em meio da concorrência vital, não podendo, consequentemente, abastardar a raça com os seus descendentes. (2)

Póde mesmo affirmar-se, que um estado de civilisação quanto mais alto, tanto mais mortifero para as raças inferiores. E quando a sociedade, por uma perigosa philantropia, tenta proteger esses entes inferiores, organica e psychologicamente, a natureza, que não conhece a compaixão, encarrega-se de os eliminar, castigando a mesma sociedade.

E' certo que muitas vezes os povos inferiores se defendem na corrença vital por sua densidade e poder de acclimação, como os chinezes, ou ainda por sua forte constituição, como os negros; no éntretanto, em these, a victoria ha de pertenc-

---

(1) Vid. H. Spenser—«*Man versus the State*».

(2) Vid. Dr. G. Le Bon—«*L'homme et les sociétés*».



cer sempre, cedo ou tarde, aos mais bem dotados, aos mais aptos, o que, trazendo o aperfeiçoamento do typo humano, dá, como resultante ultima, o progresso, visto que a civilisação cresce e se desenvolve, como diz muito bem Bagehot, com a união das forças e com a lucta das forças. (1)

Bem sabemos que o que vimos dizendo importa a applicação da lei darwiniana *the survival of the fittest*; mas, na realidade, o que é o viver das sociedades, o que é o curso da historia senão um combate, a evolução constante para um ideal, que de mais em mais se objectiva? E que importam supplicas e doridas lamentações, (2) se a humanidade avança, progredindo?

---

(1) Vid. W. Bagehot—*«Lois scient. du develop. des nations»*.

(2) Não progredindo os povos n'um movimento homochrono, é de ver que uns irão além da sua época—são os revolucionarios, os grandes elementos de impulso; outros, não podendo acompanhar o movimento geral, deslocam-se, são os conservadores, as forças ordeiras.



## V

### A Biologia

Mercê da orientação scientifica moderna, sabemos que em sua ascensão evolucional os seres vivos principiam pela affirmação do individualismo antes que possam attingir a harmonia, pela combinação da unidade com a variedade. Desde a mais humilde e modesta planta submarina até ao homem que chega a devassar os mysterios reconditos da immensidade dos ceus, a evolução, dentro do ponto de vista propriamente organico, é a principio, como judiciosamente nota o grande Spencer, a formação de um aggregado pela incorporação continua de materia anteriormente espalhada sobre maior espaço.

O germen de cada organismo vivo começa a sua evolução biologica pela absorpção e nutrição; as cellulas do stroma do ovario não se tornam verdadeiramente *ovulos* senão em detrimento dos materiaes que as cercam; o animal cresce e de-



envolve-se, apropriando-se dos variados e complexos elementos que constituem o seu *habitat*: E' aqui que, de facto, apparece pela primeira vez a *individualidade*. Emquanto nos reinos inorganico e vegetal ella se esboça apenas, no animal, que continuamente assimila os materiaes apropriados á sua conservação, que se move no tempo e no espaço, é uma verdade concreta.

No entanto a vida, sob qualquer aspecto que a encaremos, não se adstringe pura e simplesmente á unidade: para que se manifeste, para que exista *in actu*, carece da variedade. Assim é que o ovulo animal, que, no começo da sua evolução organica, se não distingue de muitos outros elementos histologicos por nenhum caracter observavel, (1) uma vez fecundado, passa por uma serie de desenvolvimentos graduaes, que de mais em mais vão differenciando os seus elementos componentes.

No primeiro estadio do seu desdobramento morphologico, o ovulo humano, por exemplo, é uma simples massa homogenea, amorpha, sem structura; no meio d'esta massa, d'esta cellula, apparece um nucleo que se scinde em dois, estes dois em quatro, oito, deseseis, trinta e dois, etc., ao mesmo passo que se cobrem de uma camada de protoplasma.

Por estas segmentações reiteradas, o ovulo toma a forma muriforme, torna-se um corpo polycellular, uma vesicula espherica, a vesicula blastodermica, paredes formadas de uma delgada camada de cellulas vitellinas, excepto ao nivel do arco germinativo. Continuando a evolução, o blastoderma de um só folículo duplica-se, desdobra-se em dois folículos germinativos primodiaes: o *folículo intestinal* (d'onde se desenvolvem todos os órgãos e aparelhos da vida vegetativa), o *folículo cutaneo* (d'onde saem todos os órgãos e aparelhos da vida animal). A cavidade comprehendida entre os dois folículos germinativos é a cavidade intestinal primitiva: é um intestino rudimentar, o mais antigo e mais importante órgão do corpo.

---

(1) Spencer—«*Biologie*»; Letourneau—«*Biologie*».



Segundo E. Haeckel, esta forma evolutiva é a de um dos nossos antepassados extintos, a *gastrea* (1). Não param, porém, aqui as diferenciações. Ao lado dos dois folículos prenotados, apparecem dois por igual notaveis: o *fibro cutaneo* e o *fibro intestinal*. Chegado a este estadio, o homem apresenta a organização de um verme, e assim continua até chegar á organização definitiva dos mammiferos placentalianos e do homem.

Como se vê, na serie animal temos a par da unidade a variedade, uma redistribuição crescente, ligada pela lei ou principio organico de interdependencia, principio que será tanto mais forte, quanto mais complexo fôr o organismo. E é exactamente a solidariedade, a cooperação de todos os seus órgãos para um objectivo final, o que constitue para os physiologistas o caracter essencial dos corpos vivos.

---

(1) E. Haeckel—«*Monographie des éponges calcaires*».







## VI

### Biologia e Historia

Os estados que vimos de apontar encontram-se egualmente em as manifestações organicas das sociedades e no *processus* da historia; porquanto, se a ontogenese demonstra que no periodo de nove mezes o embrião humano passa por todas as *etapes* que os seus antepassados atravessaram, dentro do dominio biologico, durante milhares e milhares de annos, d'esde a *cytoda* até á complicada morphologia do mais elevado dos vertebrados, e isto de um modo tão preciso, tão exacto, que no dizer do naturalista Charles Martins, dá á theoria evolucionista os caracteres das leis newtonianas, a *anthropologia* e a *prehistoria*, a seu turno, claramente mostram que o homem não iniciou o seu viver por um supposto estado edenico, senão



pelas formas da mais baixa animalidade. (1)

Mas deixando este ponto, cuja explanação nos levaria longe, podemos dizer, seguindo o paralellismo evidente entre o desenvolvimento do individuo e a vida das sociedades, que estas, em suas phases primeras, são um simples aggregado homogeneo, manifestando-se sob o impulso do egoismo descaroavel, no sentido das aptidões pessoas. E' a phase propriamente *nutritiva*. Um mesmo homem é guerreiro, caçador, pescador, artifice. E porque cada um só vise á sua conservação, ao seu interesse proprio, a guerra e a escravidão são fatalmente condições de semelhante phase do viver social, subordinada á força brutal, unico meio de dar connexão mechanica aos elementos sociaes dispersos.

Estabelece-se, pois, uma primeira e rudimentar delegação de funcções entre governados e governantes.

A authoridade do mais forte, diz H. Spencer, impõe-se assim a um corpo de selvagens como a um bando de animaes ou a uma multidão de escolares. A principio manifesta-se vagamente, incerta; a idéa de authoridade é participada por outros individuos, que gosam de força pouco inferior, e não importa differenças radicaes nas occupações ou na maneira de viver: o primeiro chefe mata a sua caça, fabrica as suas armas, levanta a sua cabana, e não differe em coisa nenhuma, no ponto de vista economico, dos demais membros da tribo.»

Mas pouco e pouco accusam-se as differenciações. O principio de authoridade radica-se, a familia constitue-se, o direito, saindo da consciencia humana, objectiva-se na propriedade, as cas-

---

(1) Spencer diz, com aquella profundeza de vistas e tendencia generalisadora que tanto o caracterisam: «E' preciso saber comprehender que as transformações que se realisam durante o crescimento, madureza e decadencia das sociedades, obedecem aos mesmos principios a que se encontram sujeitas as produzidas nos aggregados de todas as ordens organicas e inorganicas. . . »



tas sacerdotaes apparecem e fazendo dos santuarios um ponto de convergencia para os povos, fornecem um primeiro laço moral á sociedade, e quicá um solido ponto de apoio. As funcções sociaes especialisam-se, localisando-se de mais em mais.

Todavia, a despeito d'esta divisão, a sociedade vive ainda muito proxima da natureza, passivamente; o homem, socialmente fallando, n'essas informes aggremações, pouco ou quasi nada se avanta a algumas sociedades animaes que têm um chefe a que obedecem, chefe que funda todo seu predomínio ou no direito do mais forte, ou na astucia provada em lances arriscados.

Em verdade, a *divisão das funcções*, aqui, é ainda uma *virtualidade*, podendo nós comparar esses primitivos agrupamentos humanos a certas sociedades animaes, ligadas por uma maior extensão do amor proprio, isto é, do egoismo. E de feito, n'esses aggregados, em que cada um vive no mais completo estado de isolamento e independencia, não encontramos mais do que a representação, em ponto grande, das *sociedades de nutrição*, tão vulgares entre a classe dos Siphonophoros. (1)

No entanto, as differenças acima apontadas, entre governantes e governados, determinam novas subdivisões no organismo social. Ao lado do chefe e da casta sacerdotal, levantam-se as classes e sub-classes, diversificam-se as series sociaes, formam-se novas combinações, complica-se a mecha social, estabelece-se, em summa, uma maior complexidade pela *especialisação das funcções* e *convergencia dos esforços*; affirma-se a solidariedade entre os elementos componentes do organismo super-organico; adoçam-se os costumes, a collectividade, de *depredadora*, como lhe chama Spencer, (2) torna-se mais intelligente, volve-se em opera-

---

(1) Vid. E. Perrier—«*Anat. et phys. animales*»; A. Espinas—«*Des sociétés animales*».

(2) Vid. H. Spencer—«*Les Premiers principes; Principes de Sociologie*».



*tiva*; nas suas relações privadas, o homem, collocada a mulher no mesmo pé de egualdade, disciplinado pela monogamia, moralisa-se e accentua-se uma força fecundante, estimulada salutarmente pela concorrência industrial e scientifica: a par do amor proprio regularisado, surge a noção altruista do bem estar da communiidade. (1) A historia deixa de girar dentro do circulo estreito do particularismo, deixa de buscar o equilibrio social na immobillidade, para caminhar ovante na via triumphal do progresso.

---

---

(1) Ha quem admitta em these, que o desenvolvimento historico dos povos passa pelos seguintes estadios: *caçador, pastor, agricola*. Para alguns auctores, as *ciudades commerciantes*, v. g. Carthago, constituem um quarto estadio, e as *ciudades de cultura*, v. g. Athenas, um quinto estadio.

Esta classificação não pôde ser admittida em rigor, porque n'um mesmo grupo humano se encontram, simultaneamente, os tres estadios precitados. Haja vista, para exemplo, a raça uralo-altaica.



## VII

### Oriente e Occidente.

As navegações phenicias e a expansão militar persa. O Egypto.

Se, deixando de considerar a humanidade em suas fórmās individuaes, estudarmos o *processus* harmonico da historia dentro das grandes collectividades, encontraremos sem difficuldade uma marcha parallela.

Admittido que o quadro geral da historia, no ponto de vista philosophico, póde dividir-se em duas grandes metades—Oriente e Occidente, (1) basta analysar, embora mui rapidamente, o conteúdo de cada uma d'essas metades, para facilmente ressaltar a lei que temos buscado determinar no decurso d'este nosso humilde trabalho.

N'este intuito, consideremos, ao correr da pen-

---

(1) Vid. Buckle—«*Hist. de la civilisation en Angleterre*», I., pg. 171.



na, a vida do Oriente no duplo ponto de vista da *política* e da *cultura*.

Quanto ao primeiro, póde dizer-se, que no viver oriental, ainda muito proximo das sombras em que se deu o começo da evolução historica, todo desdobramento politico se cifra em intrigas de côrte, assassinatos, conquistas de terreno, sem um unico principio moral que o condicione e legitime superiormente, de tal forma que as *civilisações* orientaes, quando comparadas com a *civilização* occidental, se apresentam ao historiador philosopho como uma multiplicidade, constituida de unidades fechadas egoisticamente sobre si.

E' certo que ha dois factos que parecem contradizer o nosso asserto: as navegações phenicias e a expansão do poder persa. Primeiro que tudo, as navegações de Sidon e Tyro foram uma consequencia fatal, um resultado da posição geographica do povo phenicio, d'esse povo de ousados commerciantes para quem a historia principia hoje de fazer a devida justiça, assim como a expansão militar dos eranos é uma simples conquista, uma ambição de alargamento territorial; em segundo lugar, quando estes dois factos estabelecessem, dentro da vida oriental, excepção a favor d'estes dois povos, nem por isso invalidariam a nossa these: bastava comparar as navegações phenicias, movidas pelo interesse egoista, com as navegações hellenicis, a expansão conquistadora da Persia com a expansão de Roma, profundamente civilisadora, para logo se conhecer a verdade da nossa affirmativa.

Por outro lado, o Oriente, em seu viver historico, é de uma tal simplicidade, que, em verdade, bem póde afirmar-se, que a historia, ahi, consiste n'uma esteril numenclatura de acontecimentos repetidos, sempre os mesmos, dentro dos quaes o homem se move anxiosamente, preso nos liames da religião e do Estado. O oriental é um escravo e um fatalista.

No Egypto, como diz Guizot, é o principio theocratico que se impõe a toda a sociedade, reproduzindo-se nos costumes, nos nonumentos, nas formas politicas; nas cidades jonicas da Asia-me-



nor, é o principio democratico que condicciona todo o viver social; cada uma das *civilisações* levantinas parece, d'est'arte, lançada em molde unico. Em these geral, o conteúdo interno do viver asiatico, na *cathegoria politica*, reune-se na mutação de poder de um para outro, no mais feroz despotismo e na mais crua centralisação.

Passando á *cultura*, que se alliança sempre, mais ou menos harmonicamente, com o *estado politico* ou subjectivo, encontramos em igual maneira a rudeza, o excesso, o desmedido; a intelligencia trabalha no mundo da phantasia, fóra do concreto, falta-lhe o sentimento da verdade humana, e o lado esthetico, propriamente dito, carece de medida, disfarça a falta de concepção elevada na grandeza da execução.

Descoberto este traço sensível, comprehende-se que um illustre tratadista de historia philosophica formule a feição da cultura asiatica n'este juizo geral: toda a satisfação do oriental se synthetisa em fugir da realidade para um mundo ideal sem clareza. Os documentos abundam a authorisar a proposição. Haja vista a philosophia indiana e a litteratura egypcia.

Como quer que seja, porém, não se julgue que entre as *civilisações orientaes* e a *civilisação hellenica* haja uma solução de continuidade que venha bruscamente quebrar o plano harmonico da historia.

Entre as civilisações europea e não europeas, divisão que é a base de toda a philosophia da historia ou dynamica social, (1) o Egypto occupa um lugar intermediario, constitue-se como elemento de transição. E' que na terra pharaonica se encontra já alguma coisa de profundo, de artisticamente medido, de moralmente ordenado, que a distanceia do puro Oriente. E posto a sua cultura saia do Oriente, é todavia certo que se manifesta sob uma forma superior, que a colloca, logicamente, como ponto de passagem entre as *civilisações levantinas* e *greco-romana*.

---

Vid. Buckle—«*Hist. de la civil. en Angleterre*», I.



Claro que no Egypto a idéa de medida, a proporção, a noção da harmonia se acha ainda afundada em a natureza, subjugada pelo *quantitativo* da materia, como de sobejo o comprovam os templos de Thebas e a sala hypostyla do palacio de Karnack, as pyramides situadas na planicie de Gyzeh, as suas colossaes estatuas; (1) no entanto, sob o symbolismo hieratico, sob aquelle estylo severo e geometrico, principia de apparecer o lado humano, a noção moral; a fôrma physica, independente, começa de ser subordinada á idéa.

Emquanto ás cidades jonicas da Asia-menor, é alli que as republicas municipaes se manifestam pela primeira vez, chamando os cidadãos ao concurso da vida publica, fundada na consciencia da solidariedade moral. (2)

---

(1) Perrot—«*Hist. de l'art dans l'antiquité*».

(2) Urge desfazer uma provavel objecção.

Dissemos nós, que é nas cidades jonicas que se inicia o regimen democratico. Ora se é facto, que em todas as monarchias asiaticas a centralisação absoluta é condição indispensavel de sua mesma existencia, certo é egualmente que a Phenicia, pela união commercial de suas cidades, nos apparece como o primeiro povo constituido sob a forma federativa, isto é, como um povo onde a autonomia local tem decidida influencia na vida geral da nação. Todavia cumpre discriminar as apparencias, a exterioridade do viver historico de um povo da essencia, do principio directriz, da alma que anima esse mesmo viver.

Não ha duvidar, por exemplo, que o lado extrinseco do viver carthaginez, é republicano; no entretanto, ninguem poderá, em boa justiça, confundir o viver punico com o viver das cidades gregas. O commercio de Carthago era uma guerra disfarçada.

Na grande cidade africana, por mais que procuremos, não encontramos a noção de vida civica, a solidariedade social. Sob aquella apparencia de regimen democratico, não ha senão o predominio de uma familia poderosa ou de uma oligarchia impondo-se aos seus concidadãos. As proprias luctas intestinas de Carthago não representam o conteudo moral e politico das luctas dos partidos gregos.



## VIII

A Hellade, caracter de sua  
civilização. A civilização occidental  
e o egoismo historico. Roma,  
caracter de sua civilização

Se o desenvolvimento das funcções em os organismos vivos, em ultima analyse, não é mais do que um progresso para uma distribuição mais integrada, mais heterogeneamente definida e mais coherente da materia, como brilhantemente o proclama a escola evolucionista ingleza; e se a sociologia, sem embargo da sua feição abstracta, immerge as suas raizes na sciencia que lhe está immediatamente inferior na escola hierarchica, força é convir que o conjunto das actividades sociaes, que as construcções super-organicas devem de ter uma marcha paralella, abstracção feita dos desvios que porventura possam soffrer em suas manifestações, com os phenomenos biologicos.

E realmente, se as leis de von Baer nos dizem, que o desenvolvimento de um individuo, pertencente a uma classe zoologica qualquer, se opera pelo aperfeiçoamento continuo do corpo animal,



por motivo de uma differenciação histologica e morphologica sempre crescente, e pela modificação da fôrma *geral* do typo n'uma fôrma mais *especial*, a historia, por sua vez, tambem proclama, que na marcha e viver das sociedades ha uma gradação de baixo para cima, de inferior para superior; que as sociedades, antes de poderem attingir o seu desenvolvimento maximo, de realizar o seu *typo especifico*, passam fatalmente pelos estados primordiales que as precederam no tempo e no espaço; que entre as nações civilisadas da Europa, e as que provieram d'ellas e se estabeleceram na America e na Australia, e os informes agrupamentos dos miseraveis selvagens da Papuasias, ha uma perfeita subordinação hierarchica, como o demonstrou o sabio Littré na sua lição celebre, feita em 1871 na Escóla Polytechnica de Pariz; que, finalmente, como nos animaes, o progresso das sociedades consiste n'uma especialisação de funcções e na solidariedade e convergencia dos esforços para a realisação concreta do typo especifico. E porque a solidariedade e cooperação implicam, no dominio social, maior liberdade e maior obrigação, uma consciencia mais nitida dos destinos do individuo, segue-se que o desenvolvimento da sociedade importa, directamente, maior concurso de forças, maior harmonia nas actividades, concurso e harmonia tanto mais conscientes, quanto mais *humana* se affirmar a aggremação social. Ora esta feição levantadissima, esta superior característica da vida social é na Hellade que a encontramos pela vez primeira.

Se a grandeza falta ás suas concepções religiosas, se as suas formas politicas carecem de base duravel, perdidas no municipalismo, dispersadas no culto excessivo da liberdade, é tambem de saber-se que, ao contrario do que se observa no Oriente, os hellenos estão isentos das deformações moraes que a grandeza do Estado ou da religião impõe fatalmente á natureza humana. Em todos os outros pontos, diz critico illustre, a civilisação quebrou o equilibrio natural das faculdades; opprimiu umas para exagerar ontras; sacrificou a vida presente á vida futura, o homem á divindade, o in-



dividuo ao Estado. (1)

Na Hellade, porém, as instituições, quaesquer que sejam, subordinam-se ao homem, são um meio e não fim, e a civilização, prelustrando horizontes novos, apparece como, refulgentissima, aurora de um futuro prenhe de esperanças e promessas.

«A necessidade da clareza, o sentimento da medida, um manifesto desprezo pelo vago e abstrato, desdem pelo monstruoso e pelo enorme, gosto delicado pelos contornos firmes e precisos, eis o que os leva a fechar suas concepções n'uma forma facilmente perceptivel á imaginação e aos sentidos, portanto, a apresentar obras que todas as raças e todos os seculos possam comprehender, e que, por isso mesmo que são humanas, sejam eternas.» (2) Acima de tudo, não será temerario dizel-o, esta civilização (3) distingue-se por sua feição progressiva, por sua perfeição qualitativa, de par com um grande lado de vida, n'um *consensus* integral de todos seus elementos constitutivos: ahi o homem apresenta-se harmonicamente, possuindo-se e conhecendo-se, embebendo-se na contemplação de si mesmo, enamorado da sua obra, em toda a pujança de suas faculdades e paixões, em todo o jogo intrincado de suas tendencias e inclinações, e d'est'arte poude ser ao mesmo tempo politico e soldado, athleta e poeta, historiador e philosopho. (4)

Contrariamente ás civilizações asiaticas, a civilização hellenica, no quadro geral da historia da humanidade, é um ponto de convergencia e uma força impulsiva. «Parece que o mundo hellenico foi como um centro onde todos os echos do Oriente e

(1) H. Taine—Obr. cit.

(2) Pondo de parte toda e qualquer preocupação de escola, podemos definir civilização: a synthese dos progressos humanos accumulados em suas relações sociaes, ou como diz Leon Dumond: um acervo de forças na humanidade e para a humanidade.

(3) Póde dizer-se, que a civilização hellenicamais é a alta afirmação do periodo esthetico.

(4) H. Taine—«*Phil. de l'Art.*, t. II.



do Occidente vinham reunir-se e confundir-se; d'esta sorte a sociedade hellenica acabou por tornar-se a sociedade humana por excellencia, o mais completo representante da Humanidade». (1)

Despedaçando a unidade theologica do mundo oriental, esse povo de elite, que soube dar á vida uma feição profundamente espiritualizadora, ia preparando admiravelmentê, pela metaphysica, a era da positividade, que lhe deve, por sem duvida alguma, os seus primeiros alicerces. E' n'essa brilhante Athenas, opulentada de altissimas licções, onde desponta a aspiração sociocratica, onde pela vez primeira se inicia a resolução dos problemas sociaes, onde a liberdade se inscreve como lemma das luctas politicas, a liberdade que é a alma da Humanidade!

E o deus do progresso, para nos servirmos da pittoresca expressão de uma das mais bellas intelligencias da moderna França, adrede preparára esse scenario, onde ia desenrolar-se um soberbo quadro, uma das mais formosas telas da historia! (2) Foi ahi, n'essa patria do humanismo, n'essa terra beijada pelos doirados raios do sol, afagada pelas brisas embalsamadas do Olympo e do Hymetto, embalada pelas vagas d'aquelles mares sempre carinhosos e sempre azues. que n'um arranco de nobre enthusiasmo o homem ousou erguer-se altivo na consciencia do seu valor, quebrando as cadeias que o agrilhoavam ao rochedo do destino, para identificar-se a sua obra; foi nos plainos de Marathona e nas remançosas aguas de Salamina que se pregou bem alto que justiça e liberdade

---

(1) Burnouf—«*Hist. da la Litt. grecque.*»

(2) Não pensamos em modo algum fazer derivar o progresso humano, o desenvolvimento historico dos povos de um unico facto. No desdobramento das civilisações, é preciso metter em equação um sem numero de factores, uns activos outros passivos, uns primarios outros secundarios.

No entretanto, cremos que ha uma lei que domina superiormente todos os factos particulares—a concordancia da raça, meio e momento—.



são termos correlativos, e o futuro da Humanidade pertencia ao Occidente!

Ao lado do estreito individualismo oriental, do seu dogmatismo, a civilização hellenica, forte pela crença da sua missão, espiritualizada pelo culto da liberdade, levanta-se como um typo geral humano, como brilhante affirmação do genio.

Certo, o character de particularidade, o egoismo historico, em modo algum pode ter-se como cara-

Pouco importa se diga, que uma tal concepção é essencialmente attentatoria da liberdade humana: a historia, como admiravelmente diz Herder (*«Idées sur la philosophie de l'histoire»*), é a sciencia do que é, e não do que póde ser, segundo as ignoradas intenções de Deus.

O *habitat* do homem, com todas as condições physicas que o acompanham, riqueza de solo, estado higrometrico da atmosphera, correntes aereas, abundancia ou escassez de aguas, variedade de fauna e flora, etc., etc., a *raça*, com sua capacidade organica, e o *momento* parecem-nos os factores capitales na progressão das civilisações.

Nunca os sidonios e os tyrios seriam os ousados navegantes e activos mercadores, de que resa a historia, se não foram a posição geographica da Phenicia, e a paixão especuladora, a tendencia activa e a capacidade psychologica de se crear onde quer que se encontre uma patria ideal, caracteristica da raça semita (Vid. sr. O. Martins, Obr. cit.); nunca Athenas chegára aquelle grau de esplendor, que é ainda hoje admiração de todos os povos cultos, se não foram as condições de meio e a sua activa e apaixonada população; nunca, finalmente, a Hollanda ousára medir-se hombro por hombro com o poder de Phelippe II d'Hespanha, se não fôra o altivo sentimento de independencia congenito á raça germanica e a conformação geologica e posição geographica do paiz.

E em verdade, se o organismo social, no dizer da sciencia moderna, é um corpo vivo que se manifesta por funções physiologicas e psychologicas, e se, como o mostrou o grande Lamarck, o desdobramento morphologico dos seres organisados depende essencialmente de certas condições de meio, cremos, com A. Comte, na intima solidariedade da sciencia da vida com a sciencia das sociedades, na estreita correlação dos phenomenos moraes e intellectuaes com o *meio* em que se manifestam.



cteristica exclusiva da antiguidade oriental; mas não ha duvidar que em a nossa civilisação occidental nenhum povo se circumscreve a uma determinada cathegoria de trabalho, e, por outro lado, é manifesto que em as nações europeas ha uma concordancia de pontos de vista, uma communidade de interesses, uma direcção de idéas e sentimentos, na sua forma mais generica, uma solidariedade moral, que as une e aproxima, fazendo que a riqueza de um, em qualquer maneira que se apresente, se volva breve em riqueza e bem estar de todos.

Não assim no mundo oriental.

Mas porque não sejam immutaveis os progressos humanos, porque uma verdade conquistada seja sempre caminho aberto a novas conquistas, dia chegou em que a Hellade, cumprida a sua nobilissima funcção historica, houve de passar o estandarte da civilisação, estandarte que ella tão alto erguera, para outras mãos. A seu lado erguia-se um forte povo de guerreiros e administradores, profundamente caracterisado pelo severo culto do direito e da formula:—o povo Romano.

A bacia do Mediterraneo, sem a qual, no dizer de Hegel, não se concebe a historia, ia ser, mais uma vez, foco de uma potente e original civilisação.

Emquanto os hellenos, almas apaixonadas pelo bello, se deixam de bom grado tomar do lado esthetico das coisas, o romano, austero, pratico, alma fechada aos encantos da poesia, afraguado em luctas giganteas, applica-se de preferencia ao util, ao positivo, com uma firmeza e perseverança unicas na historia. Estas qualidades, como diz Teuffel (1) fizeram a sua força e deram resultados duradoiros em jurisprudencia e em politica, as duas manifestações maximas da civilisação romana, de tal modo que se a nacionalidade grega resiste e perdura a-travez todos os combates, perpetuando-se na arte e na levantada consciencia de seus filhos, Roma

---

(1) Vid. W. S. Teuffel—«*Hist. de la litt. romaine*»; trad. franc.



accentua-se e immortalisa-se, principalmente, como uma grande cidade e como um admirável organismo politico, que ainda hoje, seculos transpostos, se impõe á nossa admiração. Mas essas duas civilisações harmonisam se, completando-se.

Se é em Athenas que a liberdade faz a sua estréa triumphal, é Roma que a transmite ao mundo moderno corporisada no direito civil.

Mas, tendo por missão espalhar na ponta das espadas de suas aguerridas e heroicas legiões o espirito hellenico pelo mundo, (1) a alma d'esse povo de quem os proprios filhos do Lacio diziam, que depois de vencido soube ainda civilisar os seus barbaros vencedores,

*Graecia capta ferum victorem cepit,  
et artes Intulit agresti Latio.*

a rainha das cidades precisava, antes de começar a obra de propaganda, de metter hombros á conquista. E nenhum povo mais bem dotado para os arduos trabalhos da guerra e da dominação. N'uns famosos versos, diz Virgilio: «Outros, melhor que nós, farão viver o bronze e o marmore, advogarão melhor as causas, descreverão melhor as revoluções dos céos. Tu, Romano, lembra-te que tens por missão reger as nações: está n'isso a tua arte.»

Promanando nas primeiras edades do seu viver de um couto de bandidos, de uma amalgama de povos, (2) Roma, por uma como que attracção egoista, por esse dom de assimilação que fez a sua grandeza, foi pouco e pouco absorvendo a energica

(1) Vid. E. Pelletan—«*Profession*», etc.

Duruy—«*Hist. des Romains*».

(2) Entre os antigos, Florus é explicito sobre a triplice origem de Roma: «Quippe cum populus romanus Etruscos, Latinos, Sabinosque miscuerit, et unum ex omnibus sanguinem ducat, corpus fecit ex membris, et ex omnibus unus est.» A seu turno, diz Cicero na sua «*Republica*»: . . . . Populumque et suo et Tatii nomine, et Lucumonis qui Romuli socius in Sabino praelio occiderat, in tribus tres curiasque triginta descripserat.»



população do Lacio. Era o inicio d'essa larga serie de combates, d'essa delongada vida de conquistas que havia leval-a á posse da Grecia e ao fastigio do poder. Para isto, dispunha o povo-rei de duas forças de primaria valia: o provado patriotismo de suas legiões e o direito, isto é, dois instrumentos de dominação.

Luctando arca por arca com todos os povos, esmagando os gregos em Cynocephalos e Corintho, abatendo o poder de Carthago em Zama, incendiando Numancia, destruindo e annexando á republica o reino de Pergamo, subjugando as Gallias, assentando o coute da lança victoriosa desde a Italia até a Africa, desde a Hespanha até ao Oriente, n'esse estadeiar de conquistas assombrosas, Roma, pelo facto brutal da guerra, mas que em todo caso é um estimulo de progresso, (1) ia, a um tempo, realisando a unidade territorial e administrativa do velho mundo conhecido, e espalhando a cultura greco-romana, base da synthese affectiva da civilisação moderna. Como diz pensador emerito, é Roma que se expande sobre o mundo e o mundo que se concentra em Roma.

Outr'ora cada nação tinha o seu direito particular, os seus codigos privativos; conquistando o mundo, o povo-rei quiz completar a unidade mate-

---

(1) Sem duvida que o *struggle for life*, nas sociedades humanas civilisadas, se não manifesta, como já o dissemos, com o character de ferocidade inherente ás primeiras edades do nosso viver; pois'que hoje, socialmente fallando, os mais aptos não são positivamente os mais bem dotados de força physica, se não os que pela superioridade moral ou pelo desenvolvimento mental melhormente respondem às exigencias do seu *meio*, e às necessidades da sua época. Entre o homem civilisado, diz L. Buchner («*L'homme selon la science*»), a lucta na sua forma brutal de outr ora transformou se n'uma concorrencia, n'uma rivalidade entre os individuos e os povos para obterem, os primeiros, os mais elevados bens terrestres; consequentemente, os homens pensam não tanto em se destruir, como em se ultrapassarem, em se enriquecerem à custa uns dos outros.»



rial do genero humano, estender a noção de justiça asboluta até ás suas dilatadissimas fronteiras, reunir no seu ecclletismo utilitario todas as philosophias, agremiar no seu vasto Pantheon todos os deuses; de todas as legislações comparadas fez um codigo internacional—o *Jus Gentium*; de todas as interpretações e vacillações juridicas, de todos os reflexos de justiça deduziu um dogma universal de direito a que chamou *Direito Natural*: (1) era o despontar brilhante da noção de Humanidade, era o prefaciado do Christianismo que, como o mais culminante facto da historia, vinha fechar o cyclo do mundo antigo e abrir de par em par as portas ao mundo moderno.

E de facto, Roma termina o seu viver historico desde que vê realisada a idéa do direito em suas variadas e complexas manifestações. (2)

E' n'este momento, quando, conhecida a sua impotencia para manter sob o seu jugo o mundo inteiro, Roma baseia o seu poderio na tradição, no prestigio moral, que entram no scenario da historia as raças germanicas, que já de ha muito se iam infiltrando pelas rotas malhas do imperio, e que, n'esse abalar de povos, levariam perto de dois seculos (376—568).

---

(1) Vid. E. Pelletán—*Profession de foi* etc.

(2) E' por isto que a historia romana será por muito lição proveitosa para o legista e para o politico (Vid. Dr. Th. Braga—*Hist. do Ramantismo em Portugal*).

A's leis romanas, principalmente, como diz Duruy, deve a Europa latina esse espirito philosophico, ou melhor, social que teve em França a sua mais alta expressão (Vid. Duruy—*Hist. des Romains*, t. II).







## I X

### O Imperio. Os barbaros. O elemento romanico. O Christia- nismo. Os Arabes. As Cruzadas

O Imperio desabava. Na alma dos degenerados filhos do Lacio iam passados todos os grandes sentimentos, esquecidos gloriosos dias. Dentro dos largos muros da velha Roma—tão largos que abarcavam um mundo!—raças e povos aglomervam-se confusos, entrechocando-se no mar de paixões revoltas. No seio d'essa sociedade, engrinaldada de fulgentissimas tradições; no seio d'essa grandeza lavravam fundo as podridões sociaes: sob o absolutismo aviltante, a corrupção subia, subia sempre, alastrando-se como immensa nodoa de sangue.

Dispersada e destruida pela guerra e pelas luctas civis, a classe media, aquella activa e energica classe media, que fizera a honra das legiões, fôra substituida por uma turba-multa de miseraveis, que só pediam, segundo a vehemente expressão de Juvenal *panem et circenses*, deixando fa-



ce a face duas classes rivaes em todos os tempos: os ricos e os pobres, uma aristocracia de funcionarios e cortezãos, enervada pelos requintes do luxo, sem crenças e sem coração, e uma multidão de colonos adstrictos á gleba, de escravos e mendigos, cruel e servil. Era uma sociedade que se esphacellava.

Os barbaros apparecem. Já não havia Gracchos nem Marios. Era uma hora solemne, essa.

Combates e festins—eis o ideal supremo d'esses povos que vinham renovar e virilisar a historia europea; que vinham levar a effeito o que o Imperio em decadencia, gafado de todos os vicios, não podera continuar.

Trazendo na sua corrente indefinida um factor ignorado do mundo antigo, o *individualismo*, elles entravam como mobil impulsivo na historia, solevantando a Europa para um futuro melhor.

Não ha negar. Se Roma legou ao mundo moderno o seu direito publico e civil, as suas instituições municipaes; o germano transmitiu-nos o amor pela independencia individual, as suas assembléas populares e os germens do governo representativo. (1)

Evidente que o elemento germanico não foi só por si, e universalmente, o portador da época moderna. Ao lado dos *barbaros* é mister metter em linha de conta as populações já existentes na Europa, o elemento *roumanico*; mas, ainda assim, se é das complexas relações entre estes factores que, no periodo de que tratamos, deriva o ponto de vista superior da historia philosophica, nem por

---

(1) A philosophia da historia pretende que a alma universal se manifesta na humanidade por quatro modos, diz Chateaubriand; um substancial identico, immovel: encontramol-o no Oriente; outro, individual, variado, activo: vemol-o na Grecia; o terceiro, composto dos dois primeiros, mas em perpetua lucta, existe em Roma; o quarto, harmonisando a diversidade, apparece nas nações de origem germanica.

Assim, o Oriente, a Grecia, Roma e a Germania offerecem as quatro formas e os quatro principios historicos da sociedade («*Études historiques*», pref.).



isso menos certo que o Germano deve de ser considerado como mobil de impulso, como elemento restaurador do mundo moderno.

E na realidade, Egypcios, Phenicios e Punicos, Gregos, Romanos, Judeus, Arabes e Germanos são os sete factores que, em serie, nos apparecem dentro da totalidade historica como mais importantes, como energias inauguradoras de épocas novas.

Cumpre, todavia, não esquecer, que a par do individualismo germanico, que, no dizer de Hegel, trouxe a Humanidade aos tempos modernos, se levantavam a egreja, o ideal unitario do mundo romano e as populações romanicas. São estes, á parteas communas, os factores explicativos de toda historia moderna. (1)

Se o primeiro tem por si um papel de força, devem os restantes ser considerados como elementos educadores. (2) A Edade media estabelece-se d'esta arte sobre o mundo romano pelo genio germanico.

E é indubitavel, que mercê do fundo anthropologico e da base geral de cultura do mundo moderno, base que faltára ao mundo antigo, se comprehende, por um lado, o character de unidade da civilisação occidental, e por outro, a facilidade com que as novas gentes receberam o Christianismo na

(1) Vid. Guizot—«*Hist. da Civil. na Europa*», tr. port.

(2) Um plano verdadeiramente scientifico da historia deveria comprehender os seguintes capitulos: 1.º Idéas geraes sobre a terra e o homem; 2.º O homem prehistorico; 3.º O homem selvagem; 4.º As tribus dos pelles vermelhas; 5.º Os povos negros que apresentam uma certa cohesão social; 6.º As civilisações do Mexico e do Peru; 7.º As civilisações indiana e chinesa; 8.º Egypcios, Babylonios e Eranios; 9.º Judeus e Phenicios; 10.º Gregos e Romanos; 11.º O Imperio Romano e o Christianismo; 12.º Edade media; 13.º Feudalismo; 14.º Os Arabes; 15.º Descoberta da America e os descobrimentos portuguezes e hespanhoes; 16.º A Reforma; 17.º Dissolução do Regimen catholico-feudal durante os seculos 14 e 15; 18.º As monarchias modernas; 19.º A Revolução franceza; 20.º O espirito moderno.



sua parte propriamente ideal.

E em verdade, se a structura moral de um povo ou de um periodo historico é tão caracteristica e tão distincta como a conformação physica de uma familia de plantas ou de uma ordem de animaes; (1) e se a manifestação dos phenomenos historico-sociaes é grande ou pequena, mesquinha ou elevada, segundo as aptidões dos povos, segundo a maior ou menor concordancia entre os factores — *raça, meio e momento*, claro que a historia immerge as suas raizes nos capitulos concretos da biologia e na psychologia.

Ora é de saber-se, que a idea politica, que a noção rigida e abstracta de Estado constitue o motivo impulsivo das sociedades asiaticas, e em grande parte do mundo greco-romano, onde as luctas se travam, quasi sempre, dentro das condições do Estado.

Quando nas civilisações antigas se falla em liberdade, trata-se da liberdade politica, da liberdade do cidadão, como muito bem nota Guizot; (2) o homem, alli, é uma quantidade negativa em frente do principio de authoridade. O sentimento de independencia pessoal e politica, o amor á liberdade manifestando se sem-peias e a consciencia do valor humano — são o traço constitucional do espirito germanico, e se bem que alguns tratadistas de historia philosophica contestem este ponto, movidos não raro pelo orgulho de raça, orgulho a que nem mesmo o brilhante e poderoso espirito de Conrad Hermann se furta, os proprios romanos da decadencia são contestes em afirmar a superioridade moral dos barbaros. Tacito, por exemplo, proclama bem alto o fundo moral da familia germanica, e ainda no seculo V o sacerdote Salviano (*«De Gubernatione Dei»*) não duvida exaltar as qualidades moraes dos povos germanicos.

Esta peça mestra da alma germanica estreitamente prende com o lado interno, com a noção pura do Christianismo, n'uma alliança profun-

---

(1) Vid. H. Taine — *«Hist. de la litt. anglaise,»* t. I.

(2) Vid. Guizot — *Obr. cit.*



da, que devia de manifestar-se admiravelmente na revolução religiosa do XVI seculo.

Perpetuamente errante, na grande expansão juvenil do seu vigor, a raça germanica, destruida Roma, terminada a obra de conquista, hivacou no campo, sobre as ruinas ainda fumegantes da *villa* patricia, para dar livre curso aos seus habitos e tendencias naturaes. Mas não tardou que ao lado do castello, o elemento verdadeiramente especifico da meia Edade, se erguesse o convento, a par da força material um poder educativo, espiritual,—o Christianismo.

Emquanto o guerreiro reinou pela espada, a nova doutrina governou pela persuasão, pela força moral (1), ensinando ao homem o amor, a abnegação, a dedicação, o heroismo; fazendo ver nos povos uma grande familia, e apontando para este ideal, lume dirigente de todo progresso—Humanidade!

E de feito, mau grado todas as affirmações em contrario, o apparecimento do Christianismo marca por sem duvida um dos maiores, senão o maior momento da historia. Em meio da profunda dissolução moral que lavrava por todo mundo romano, em meio da larga decomposição da sociedade antiga, a nova doutrina apparecia como elemento de unidade moral, como eixo de crystallisação de uma nova vida. (2)

Não era a religião de uma familia, tampouco a de uma cidade ou de uma raça. Combatendo o particularismo das velhas crenças, levantando a alma humana para as regiões do ideal, todo espirito, apresentava-se como estrella de um melhor futuro. Sahia da Judéa, e, hellenisado, irradiava por sobre o mundo, congregando em torno de uma só

---

(1) Estas duas forças, na civilisação arabe, reúnem-se no kalifado.

(2) E' impossivel negar ao christianismo um altissimo valor no desdobramento da sociedade moderna; no entretanto, pregando o amor, apostolando a caridade, o novo credo não visou ao verdadeiro sentimento altruista da humanidade.



bandeira os ramos dispersos do reino humano. *Euntes ergo et docet omnes gentes* (1)—tal a palavra de ordem.

Os Judeus, esses idealistas das sociedades orientaes, (2) tinham o seu deus particular, o terrível e vingador Jehovah, escondido egoisticamente na urna do tabernaculo; o Indio, sob um céu de fogo, cercado de uma vegetação fantastica, pros-

(1) Convem notar que a orientação cosmopolita do christianismo pertence de direito a S. Paulo, que nas celebres palavras, *civis romanus sum*, se mostra o verdadeiro evangelizador do dogma da fraternidade; ao contrario de Simão-Pedro (Simon bar Jona, cognominado em syro-chaldaico Képhas ou képha [*Petrus*], isto é, *rochedo* ou *pedra*, como symbolo de inabalavel fé) que é o representante do formalismo e fanatismo judaicos.

(2) Contrariamente a umas certas theorias que se inspiram na «*Histoire générale des langues semitiques*», de E. Renan, cremos que não ha por emquanto argumentos bastante solidos sobre que possam estribar-se aquelles que apontam a raça semitica, e em especial os Judeus, como totalmente desprovidos dos altos poderes intellectuaes que caracterisam os povos arycos, talhando-os de molde para os grandes trabalhos especulativos. Indubitavelmente, ha excessos de rigor em semelhante juizo, distanciado, por muito, da verificação concreta dos factos.

Em nenhum povo da antiguidade se encontra uma lyrica mais profundamente sentida, tão sinceramente inspirada como entre os judeus.

Se a sua litteratura não tem, como querem alguns, a expressão da belleza em si, absoluta, como a entenderam os helenos, affigura-se-nos isto antes motivo para honrosas apreciações, do que signal de inferioridade. Porquanto, a admittir-se que a litteratura deve de ser a expressão do viver social, a affirmação do documento humano com as suas idéas particulares, vontade, ambições, loucuras, paixões, tendencias hereditarias, determinismo da raça, influencias de meio, a litteratura hebreia, manifestando-se como uma *synthese affectiva* d'essa sociedade tão cortada de revoluções, inspirando-se no sentir colectivo, é criação de valia para a justa apreciação do viver historico d'esse infeliz povo, que ainda hoje, atravez todos cataclysmos,



tava se medroso e supplicante deante de Brahma, declarando resignado, que Deus é tudo e que tudo é Deus; os Athenienses, coroavam de myrtho e loureiro Apollo e Pallas; os romanos, apesar de por uma medida politica, darem entrada no seu vasto Pantheon a todas as divindades com que iam de-frontando em sua marcha conquistadora, não duvidavam offerecer a *Jupiter Capitolino* o melhor de suas crenças; (1) cada povo adorava o seu deus e cada deus governava o seu povo; o mesmo código regulava as relações de homem para homem e estabelecia os deveres do homem para com a divindade; era o tempo em que a civilisação se concentrava toda dentro dos muros da cidade, (2) como typo de associação por excellencia.

Em opposição a este egoismo, a nova doutrina separa profundamente a religião da politica: Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus—eis a formula. Era a liberdade de consciencia que se proclamava, e que, ingentissima força, vinha propellir a sociedade moderna para as gloriosas luctas do progresso.

---

procura o seu nexo moral na tradição, na aspiração por uma patria ideal commum. Toda a litteratura que se não basea no chão popular, que não busca, porque assim o digamos, crystalisar as aspirações da sociedade, será sempre uma criação de imprestimo, falsa, sem sentido, nunca um documento vivo, com um logico desdobramento organico.

De resto, é bastante honroso para os Judeus reconhecermos nós, occidentaes, que lhes devemos boa parte do nosso capital de idéas e sentimentos mais levantados e puros.

Isto mesmo reconheceu o celebre professor Virchow, afirmando, que os judeus germanisados se tornaram para os alemães em poderoso fermento de cultura.

(1) Convem observar, que a religião romana não se manifesta pelos mythos poeticos: é principalmente uma disciplina severa e abstracta, que busca sancionar as prescripções do direito.

(2) A propria sciencia da associação, a politica, tira o seu nome de *polis* (cidade, gr.). Vid. Fustel de Coulanges—«*La cité antique*».



A lei judaica, certo, ordenava que se âmassem os estrangeiros, mas, ainda assim, permittia excepções, como claramente se vê do costume da *onzena* e da prohibição do cazamento com povos estranhos; Platão, arrastado pela força do sentimento natural, prégara a egualdade da mulher, e traçára o quadro ideal da organização social na sua «*Republica*»; os stoicos haviam já proclamado a liberdade e independencia da consciencia humana; mas o que em uns era uma simples abstracção, e n'outros uma indifferença pelas coisas do mundo, isenção das paixões, norma de conducta de uma seita philosophica, corajosa e austera, e não esperança e auxilio offerecidos aos pequenos e aos desgraçados; de um conceito puro, fez o christianismo a linha directriz das gerações vindouras, apostolando o amor, a liberdade, a justiça, a egualdade e a fraternidade.

Hombro a hombro com o poder discricionario do senhor feudal levantou-se a força moral da igreja (1): o escravo, que em Roma não podia mudar de estado *quia nullum caput habuit*, tornou-se servo, e, ainda que sujeito a vontade alheia, deu um passo no caminho da egualdade, teve um lar, uma familia; a mulher, que encontrára na tenda levantada no meio do deserto a sua primeira hora de esperança e dignidade (2) e na tradição um arrimo, ergueu-se como symbolo e como fonte de todos os progressos moraes realisados pelo homem. Tres seculos depois, o novo credo impunha-se victoriosamente ás raças mais importantes da humanidade. (3)

Sob as vestes talares, o altivo barão acostumou-se a respeitar o servo humilde, que, pouco e pouco, ia fazendo a aprendizagem da vida industrial, pessoalmente remunerada, a codificação do trabalho humano, á espera da hora em que podesse entrar em pleno scenario da historia, de pos-

---

(1) Vid. Guízot — Obr. cit.

(2) Vid. E. Pelletan — Obr. cit.

(3) Vid. E. Renan — «*Hist. du peuple d'Israel*,» t. I.<sup>er</sup>



se dos seus direitos.

O grito levantado em 1067 na cidade de Mansteria a sua condensação maxima no XVIII seculo.

E' n'este momento que apparece o monotheismo de Mohammed. Partindo lá d'essa Arabia banhada de crepusculos rubros, com seus minarettes bordados de arabescos, projectando-se silenciosos e fantasticos por aquellas calmosas noites de luar, com seus desertos ardentes, feridos pelo sol a prumo, os audazes cavalleiros vinham sobre a Europa, longos'albornozes soltos ao vento, n'um despenhar vertiginoso. N'uma das mãos traziam o *Alcorão*, n'outra, empunhavam a cimitarra. Eram a um tempo missionarios e guerreiros, força impulsiva e depositarios do novo credo. (1)

Levados em sua carreira destemida e triumphal, cantavam já victoria quando Carlos Martel os faz parar, abruptamente, pela victoria de Poitiers. Estava salva a Europa.

Mas trazendo em sua marcha uma grandeza e um brilho desconhecidos á invasão germanica, essa civilisação, que no espaço de meio seculo se esta-deiará victoriosa do Tigre ao Euphrates, do Euphrates ao Mediterraneo, da Asia Menor ao Tauro, juntando no culto de um ideal as tribus nomadas do deserto, congregando por afinidades de interesses e sentimentos diversissimos povos, á falta de vitalidade propria, sem uma base popular, agrilhoada a essa religião que não só suffoca toda a liberdade individual, mas ainda toda a manifestação de vida civil, com a mesma rapidez com que se ergueu, com a mesma se afundou perante a força do espirito occidental. (2)

Com uma feição mais exterior, sem base histo-

(1) Foi este um dos motivos de dissolução da civilisação arabe. As suas disputas religiosas, pela estreita dependencia entre o poder da espada e da palavra, entre a força temporal e a espirital, degeneravam sempre em luctas civis (Vid. Prevost —Paradol: «*Essai sur l'histoire universelle*», t. II.

(2) Vid E. Renan—«*De la part des peuples semitiques dans l'histoire de la civilisation*».



rica, onde mergulhasse as suas raízes, essa civilização, subordinada á theocracia, carecia de elementos organicos que lhe assegurassem um progresso certo e continuo. (1)

Claro que na época a que nos referimos, os arabes representam um povo de *cultura*, como dizem os allemães, e a historia não pôde ser ingrata para com esses espiritos superiores, para com essa legião de luctadores que souberam insuflar nova vida aos productos da civilização hellenica, que deram novas forças á meia idade e que prepararam um dos vehiculos da Reforma. (2)

Todavia, «sob essa brilhante elite de guerreiros, de sabios e de artistas, definhava, immovel, uma multidão ignórate, invellecida por uma perpetua obediencia, não tomando da religião musulmana senão os elementos destruidores de toda civilização, a poligamia e o fatalismo». (3)

N'estas condições, é de vêr-se que o islamismo, como producção do espirito oriental, a despeito do seu audacioso proselytismo, não respondia ás exigencias do Occidente, como bem o demonstrou nas suas relações todas negativas com o christianismo, que tem uma das provas de vitalidade na maneira como se amolda a todas as circumstancias, á theocracia romana como á monarchia feudal, á monarchia representativa como á democra-

(1) Costumam dizer alguns auctores, que a cultura gréga é a base do desenvolvimento historico do Islam; mas além da differença radical das duas confissões não permittir semelhante confusão, accresce que os gregos, em frente do Islam, se ligaram aos slavos, caminhando n'um sentido puramente europeu.

(2) Foram os philosophos arabes os traductores de Aristoteles para uso dos sectarios do *Alcorão*. Ora foi uma outra raça do Oriente, os judeus, quem se encarregou de verter essas traducções para latim. E note-se que, nas versões latinas, o philosopho grego era ainda mais hostile á fé chistã do que nos trabalhos originaes (Vid. Laurent: Obr. cit.)

(3) Vid. Prevost—Paradol—Obr. cit.



cia. (1)

Mas porque toda a acção provoque uma reacção proporcionada, pelos fins do XI seculo a Europa, arrastada por um impulso novo, levantou-se como um só homem, ao grito de *Deus o quer!*

Abalam-se as nações, movem-se os povos. Fidalgos e plebeus, mulheres e creanças, todos tomam caminho da Palestina, em demanda dos lugares santos: uns, levados da fé cega e entusiasta, n'um desequilibrio psychico; outros, impellidos pelo desejo insoffrido das correrias aventureiras, pela ambição de fundar senhorios no Oriente, n'esse rico e legendario Oriente, onde iam perseguir ainda os miseros servos, esfarrapados e esfomeados, obrigando-os a regar com o suor do rosto os novos feudos de Edessa, Antiochia e Tripoli.

Mas emquanto os senhores, saindo dos seus sombrios e aggressivos torreões—verdadeiras cavernas de Cacus—se partiam para a Asia, levando as povoações a ferro e fogo, e marcando o seu caminho pelo branquejar das ossadas humanas, lançadas n'essa aventura cavalleiresca pelo espirito vagabundo e guerreiro da raça germanica, a Egreja e a Realeza, afastados os seus rivaes, e monopolizando os bens que lhe eram offerecidos por baixo preço, aprestavam-se para reinar sobre os povos. A seu turno, o burguez reivindicando a sua missão historica, forte pela noção da liberdade civil, dizia em suas cartas de franquia: «Nem o rei, nem o bispo nem ninguem poderá reclamar da communha seja o que fôr, salvo por sentença municipal».

Unidos, embora exteriormente, pela idéa religiosa, ponto de convergencia da Edade media, esses homens rudes e altivos, essas massas indisciplinadas foram, ainda assim, um mobil de progresso para a Europa: Pelas luctas travadas com o islamismo, dão ao Occidente a consciencia do seu valor, e uma cohesão sentimental, uma unidade de antecedentes historicos de que a realeza se havia de aproveitar ulteriormente, e á egreja o

---

(1) Vid. E. Lerminier—«*Phil. du Droit.*»



começo da sua força temporal; pelas suas relações com as civilizações grega e musulmana policiam-se, alargam o âmbito da actividade intellectual europeia, fazem despertar essa sede de navegações e descobertas que haviam trazer a burguezia aos tempos verdadeiramente modernos; pela divulgação dos productos da civilização greco-romana, arroteam o terreno para a actividade scientifica hodierna, motivada pela primeira renascença do XIII seculo, seculo que tem a sua orientação intellectual em S. Thomaz, sua vibração poetica na trilogia do Dante e a sua personificação politica em Inocencio III (1)

---

(1) Vid. E. Castellar — Obr. cit.



## X

### O Feudalismo. As Communas. A Realeza. A Renascença.

Ia abrir-se uma grande pagina da historia. A Humanidade, em seu caminhar constante, vinha plantar mais uma arvore santa na immensa e larga estrada da civilisação.

O feudalismo, como regimen social, tivéra a sua época, os seus dias de gloria. Deante do mundo barbaro, fôra um meio de apaziguamento para a Europa, barreira opposta a futuras invasões. Desde os poderosos feudos dos bearões normandos de Inglaterra aos feudos passageiros e ephemeros do reino de Jerusalem, a organização feudal, como diz escriptor illustre, acompanhára por toda parte, sempre, o desdobramento da civilisação germanica, que, prégando o principio da individualidade, ia legar ao mundo moderno a noção do direito, corre-



lativa á personalidade humana. (1) No entanto, mercê da marcha natural da historia, e dos impulsos individuaes, esse regimen havia de ser combatido victoriosamente por essa mesma civilisação que elle ajudára a implantar.

N'este proposito, a egreja, as communas, representantes da causa da liberdade civil, os legistas, a realleza e a philosophia, postas momentaneamente de parte as suas dissidencias, deram-se as mãos.

Era de uma parte da egreja, que até então vivera fôra da hierarchia feudal, guardando em seu seio a idéa sacrosanta da liberdade, isto é, das ordens monasticas, que havia partir o primeiro grito de guerra. No dia em que se alliançaram, sob a mão de um homem verdadeiramente superior, a liberdade dos mosteiros e o prestigio do papado, n'esse dia, estava lançado pelos successores de S. Pedro um cartel de desafio ao poder temporal, que encarnava em si a idéa do direito de resistencia, idéa que fôra uma das forças do feudalismo. D'essas luctas, em que a<sup>a</sup> Allemanha esgotou o melhor de sua inergia, obstando a que ahi se levantasse um forte poder central, se aproveitaram as cidades para affirmar o seu particularismo, e um principio novo para as sociedades modernas—a realleza, a negação do regimen feudal. Assim, indirectamente, as luctas entre os Hohenstaufen e o papado foram um golpe dirigido á feudalidade. Lucrou a realleza.

Por outro lado, passando para as mãos dos homens livres, a industria desenvolveu-se mais e mais com o commercio, ligando a classe media por uma maior solidariedade, e introduzindo-a como elemento permanente do systema politico moderno. Foi d'este nobre pacto, sellado atraz dos muros das cidades, sob a ameaça constante das a-

---

(1) Como phenomeno social, como resultante do conjuncto humano em evolução constante, não podemos considerar o direito uma idéa innata, um principio gravado *ab initio* na fronte do primeiro homem. Filho da força, do egoismo humano, o direito é, como diz Le Bon, a expressão das necessidades sociaes.



guias feudaes, que, de facto, saiu a burguezia, elemento social que faltara em Roma e a quem estava reservado o governo da Europa.

Com as communas, e como resistencia ao feudalismo, estava por igual, como dissémos, um novo poder, que se robustecia dia a dia, regularmente, centralizando os esforços da burguezia: a *realiza-*

Ao mesmo passo, Erigeno, Roscelino e Abelardo, se bem que condemnando o movimento das communas, (1) reclamavam o direito da razão individual contra o *credo ut intelligam*; e esta revolta contra o principio de auctoridade na esphera intellectual, era, logicamente, a condemnação do privilegio no dominio politico. A egreja assim o comprehendeu, sentenciando o apaixonado e intelligente adversario de S. Bernardo.

A polvora, accelerando a diminuição do espirito guerreiro feudal, nivelando a condição dos combatentes nos campos de batalha, como prefacio da egualdade civil e politica, tornou-se a um tempo symbolo e fiança da força collectiva, representada pelo rei, que, d'ora avante, graças ao canhão e ao fusil, podia zombar da lança e do escudo dos barões; a imprensa, diffundindo os thesouros da civilisação greco-romana, alargava os horizontes da idéa, levando de polo a polo os poderes da intelligencia e irmanando os povos; as descobertas dos portuguezes e hespanhoes introduziam na economia social a riqueza mobiliaria, uma das futuras armas de combate da burguezia.

A sociedade europea entrava em uma nova vida. Ajudada dos jurisconsultos, que buscavam no direito romano os argumentos com que deffendiam a valia do fóro civil e da egualdade perante a lei, e das communas que lhe davam o apoio do seu esforçado braço, a *realiza*, avocando a si os privilegios magestáticos do código imperial, accentuava-se, n'esta transição historica, como mantene-

---

(1) Vid. Guizot—«*Hist. da civ. na Europa*», tr. port., vol. I.



dora da ordem civil e como deffensora das regalias locaes. E' n'este momento, quando mais e mais se radica a centralisação do poder, quando o povo, n'um hymno victoriso, se ergue em cumprimento de sua missão, que Portugal enverga a sua armadura de titan, e lançando as suas caravellas por sobre o oceano Atlantico se apresta a levar a fama lusitana por esses *mares nunca antes navegados*, a dilatar o espirito occidental.

E'poca unica na historia! Inscrevemos maiores feitos que os marinheiros de Sidon e Tyro; obrámos maiores prodigios que os legionarios romanos: démos á Europa novos mundos, á fé novos apóstolos, á sciencia novos horizontes; domámos a natureza, desvendámos o desconhecido, fizemos, n'uma continuada a fulgentissima cadeia de victorias, a apotheose da actividade humana, a mais egrejia apotheose que a historia signala á admiração dos povos.

Por sobre a Europa corria carinhosamente uma brisa reanimadora, murmurando: *Vita nuova!* E era em verdade uma vida nova o que trazia a Renascença:

Platão commentado por Marcillo Ficino e Pedro Ramus; Tito Livio disputado a peso de ouro; Pico de la Mirandolla, espalhando a mãos plenas a sua pasmosa erudição; Alciati, Cujacio e Pierre Pithou analysando os textos da jurisprudencia romana e procurando subordinar ao espirito scientifico o empirismo dos jurisconsultos; Rabelais, fazendo da satyra uma terrivel arma de combate; Montaigne, dando á França verdadeiros monumentos litterarios; Ariosto, prefaciando Cervantes; Machiavel, genio da poltica utilitaria e da moral egoista; Copernico devassando os mysterios dos ceus; Miguel Angelo, Vinci e Raphael, fazendo da arte um cantico divino; Erasmo, genio assombroso, apontando para Luthero e para Voltaire. Animado por essa forte corrente electrica, o mundo moderno entrava n'uma sobreexcitação pasmosa.

Os XVI e XVII seculos iam tomar a palavra em prol da intelligencia humana. Luthero e Descartes dão-se as mãos.



## XI

### O XVI seculo. A reforma e os germanos. O XVII seculo.

E' por sem duvida um grandioso espectaculo o que nos offerece o começo do XVI seculo. Immensa pagina historica, vibrante de vida e enthusiasmo, ha ahi ensinamentos que abastem a comprovar que o progresso não é um mero jogo do entendimento humano, sem objectividade possivel, senão a lei suprema e eterna da Humanidade. E se o drama é grande, os actores, erguendo-se acima da craveira commum, sabem synthetizar as aspirações d'essa época de profunda elaboração. (1) E' ver:

---

(1) A dynamica social não se apercebe claramente sem o estimulo das altas capacidades, que podem, dentro de restrictos limites, sem duvida, reagir contra a trama historica, modificando-a n'um determinado sentido. Como disse alguem, cada creação se synthetisa n'um homem.



Selim, subjugando a Syria, destruindo no Egypto o poderio dos mamelucos, e preparando a carreira gloriosa de seu filho Solimão, o Magnifico, futuro alliado de Francisco I, ultima personificação da cavallaria da Edade media; Gustavo Wasa, saindo das florestas da Dalecarlia e arrancando a Suecia ao jugo oppressor do estrangeiro; os irmãos Bafilowitz, assentando os alicerces da grandeza da patria de Pedro o Grande; Carlos Quinto, tentando resuscitar o santo-imperio; Francisco I. tão bravo, tão magnanimo, tão cavalleiroso, fazendo da guerra um torneio de senhores e da vida uma escola de amor; finalmente Leão X que, apoz os pontificados de Alexandre VI e Julio II, se ergue como arbitro dos destinos das nações e como protector das artes e das lettras. (1)

Grande seculo, esse que a par de nomes tão illustres, como os que vimos de apontar, iniciava a verdadeira philosophia pela voz de Galileu e Copernico e ia, pela revolução religiosa, proclamar bem alto a soberania da razão e desaffrontar os direitos da consciencia; grande seculo, esse que tomava por timbre do seu brazão a historia do pensamento, que accendia a revolta da intelligencia contra as regalias e privilegios de uma sociedade que sentia arruir o seu pedestal secular; revolta que ensinando o povo a discutir o papa, leval-o-ia a discutir os reis.

Das numerosas e variadas causas que motivaram o movimento religioso do XVI seculo, nenhuma tão geralmente admittida e reconhecida como a corrupção a que baixara a egreja romana.

Todos os escriptores imparciaes d'esse tempo, quer catholicos, quer protestantes, são contestes em affirmar o viver voluptuoso e desregrado dos prelados, curas e monges que não duvidavam fazer alardo da sua indisciplina, sovando aos pés os mais

---

Philosophicamente, grande homem é aquelle que, identificando-se com uma instituição, com uma dada aspiração social, lhe sabe imprimir o impulso maximo na occasião opportuna.

(1) Vid. Voltaire—«*Oeuvres*», t. XVIII



elementares preceitos da moralidade publica.

Ia já longe o tempo em que a egreja se impunha como uma força moral, austera na sua dignidade, conscia de sua alta missão. Ia longe esse tempo. Quando um Croui exarava publicamente estas palavras reveladoras do aviltamento da classe ecclesiastica: «Conservo uma somma para os bastardos, que espero ainda Deus fará a graça de conceder-me, se escapar da doença que me retem no leito...»; quando um diacono ou sub-diacono obtinham a absolvição de um assassinio mediante determinado numero de ducados e escudos; quando bispos e abbades podiam assassinar sob uma caução de trezentas libras; quando todas as bestialidades, todos os peccados, todas as indignidades, todos os crimes encontravam cotação no mercado pontificio; quando o ridiculo corria parelhas com a infamia tolerada, não havia a esperar senão um profundo abalo que viesse modificar toda a economia da egreja: força era que os ventos revolucionarios viessem varrer impetuosamente a atmosphaera impregnada de miasmas, de mephiticas exalações.

Leão X, pretextando uma guerra contra os turcos, com o fim de poder vender as *indulgencias*, inconscientemente preparou a ultima demão a esse movimento que principiando entre os agostinhos e os dominicanos, n'um canto de Saxe, como uma miseravel querella de sachristia, havia de alastrar-se por sobre metade da Europa, produzindo mais de cem annos de discordias civis e de guerras sanguinolentas.

No entretanto, conjunctamente com o motivo citado, ha dois que, a nosso ver, constituem a verdadeira pedra de toque da revolução religiosa do XVI seculo: o interesse dos principes allemães e o espirito da raça germanica.

De par com a dissolução da curia, alguma coisa havia que o povo sentia muito mais e que os senhores allemães ánhelavam por despedaçar: o pesado jugo do fisco romano. E assim pôde bem dizer-se, com um historiador francez, que a secularisação dos bens ecclesiasticos foi para a Reforma o mesmo que a venda dos bens nacionaes para a



Revolução franceza. O que pela simples sympathia não faria, realizou-o a Reforma pelo solido apoio do interesse, (1) que será sempre, a despeito das declamações do sentimentalismo banal, um valente estímulo para o homem. Como disse o grande Aristoteles, a distribuição das fortunas é a origem de todas as revoluções.

No seculo quinto, diz Laurent, os barbaros, arremessados no despear de corrrida assoladora, põem termo ao imperio romano: mil e cem annos volvidos, os seus descendentes fazem baquear o santo imperio e o papado. E' junto d'esses principes allemães, representantes da forte individualidade teutonica, d'esses principes, inimigos declarados do poderio imperial, que os reformadores encontram o mais decidido apoio; é nos paizes do norte que o movimento religioso se enraiza, é d'ahi, finalmente, que os continuadores da obra de Luthero affrontam a ambição da casa d'Austria e as iras de Phelippe II d'Hespanha, que herda da Italia a primazia na identificação da politica com os interesses do catholicismo. O que tanto importa dizer-se, que, mercê da sua feição especial, o espirito germanico é essencialmente contrario ao principio da monarchia universal e conduz naturalmente ao principio das nacionalidades. (2)

E assim considerado, o movimento religioso do XVI seculo volve-se, em ultima analyse, n'um grande capitulo de psychologia ethnica. (3)

(1) Schiller diz, que se o interesse particular e a razão d'Estado não se houvessem unido, nunca a voz dos theologos encontraria principes tão pressurosos, nem a nova doutrina tão numerosos e valentes deffensores (Vid. Schiller—*«Hist. de la guerra de Trente ans»*, I).

(2) A Reforma é um producto logico do genio germanico, como o Catholicismo é uma manifestação do espirito italiano, sempre idealista e religioso.

(3) Tomamos aqui esta expressão no sentido positivo que lhe dão os psychologos allemães, continuadores de Lazarus e Steinthal.

Hoje que, mercê dos progressos das sciencias biologicas,



Antes das revoluções politicas ou religiosas, das conquistas intellectuaes ou moraes, é preciso estudar o homem interior e physico em todas as suas modalidades, como agente impulsionador de toda a trama da historia, que em todas as suas phases e mutações se apresenta, graças a esse factor, como um plano harmonico, sem hiatos.

A' luz d'esta verdade positiva a Reforma, pri-

a philosophia entra em uma estrada nova, orientada n'um sentido mais humano, a psychologia não póde limitar-se já à simples analyse introspectiva, aliás indispensavel a esta ordem de estudos.

A psychologia moderna, abandonando o ponto de vista abstracto de Condillac e Spinoza, e não duvidando ir buscar o apoio do facto psychico normal aos seus concomitantes chemicos, anatomicos, physiologicos e ás verdades da psychologia morbida, da zoopsychologia, etc., etc., volve-se de *descriptiva* em explicativa graças aos methodos da *concordancia*, das *differenças* e das *variações concomitantes*. Assim considerados, os phenomenos psychicos deixam o vago e nebuloso das abstracções methaphysicas para entrar nas condições do determinismo, como diz Ribot. A consciencia afirma-se, d'est'arte, um simples acompanhamento de certos processos nervosos (Ribot), o desenvolvimento maximo da inergia vital, uma função dos nervos, cujo rudimento começa na *irritabilidade* e se eleva gradualmente até á *vontade* (Mayer — «*Le mouvement organique*», trad. Pérard).

Parallelamente e por um processso analogo, isto é, partindo das fórmulas inferiores da humanidade até ás complicadas aggremações dos povos civilizados, e pelo estudo da anthropologia, das linguas, das religiões, do direito, dos usos e costumes, por uma serie de investigações concretas, finalmente, a psychologia experimental chega a determinar os caracteres fundamentaes dos povos, a sua feição peculiar, mostrando, tanto quanto possivel, quaes as les que presidem ao seu desenvolvimento economico, intellectual, moral e esthetico e quaes as suas bases naturaes. Chegadas a esle ponto, as leis da historia apresentam-se como uma psychologia comparada. De resto, é opinião nossa, que o verdadeiro historiador deve ser um psychologo. Entre nós, os trabalhos do Snr. Oliveira Martins são a confirmação cabal do nosso ponto de vista.



meiro acto externo do espirito germanico, é premissa necessario da Revolução franceza. Sem Luthero e Calvino Voltaire seria impossivel. Se a Allemanha foi o berço da Reforma e a Hollanda e Inglaterra os seus reductos inexpugnaveis, a França, pela seducção cavalheirosa do seu genio, pelo enthusiasmo dos seus exemplos e pelo sacrificio de seus filhos estava de antemão apontanda para esse *fiat lux* que na historia responde ao nome de 1789, e que pela generalidade dos seus principios e pela universalidade da sua acção se distingue profundamente de todas as revoluções.

E de feito, pelas forças revolucionarias que a cortavam, pela brilhante pleiade de alevantados espiritos que lhe deu o XVII seculo, a França era scenario proprio para o desolamento d'esse magestoso drama. E que legionarios, que batalhadores cyclopeos, esses!

Descartes, verificando a philosophia, estabelecendo os verdadeiros methodos da sciencia e antepondo ao costume e á tradição a justiça e a verdade; Corneille, vibrando o sentimento humano nas suas tragedias immortaes; Molière, com o seu bom senso burguez, com a sua veia caustica, verberando os ridiculos da sociedade; Bossuet, fazendo tremer as abobadas de Notre-Dame com os raptos da sua eloquencia biblica; Pascal, nas correrias de sua imaginação, lançando-se mar em fóra em busca do desconhecido, e antemostrando muitas das verdades da sciencia moderna; finalmente Boileau, Racine, La Bruyere, Saint-Simon, Fenelon, M.<sup>me</sup> de Sevigné, La Fontaine, Bourdaloue: uma legião!.. Seculo soberbo, esse que conta poetas como Shakspeare: philosophos como Locke, Leibnitz, Spinoza: sabios como Kepler, Galileu, Newton, Roemer, Harvey: astistas como Van Dick, Rembrandt, Murillo, Velasquez, Ribera, Salvator Rosa, Poussin, Lorrain—e que n'uma lucta gloriosa de trinta annos, lucta personificada em Gustavo Adolpho e Richelieu, logrou assegurar ao seculo anterior as suas crenças e muitas das suas idéas.

Tudo indicava um futuro novo, todos os po-



vos, mais ou menos, entravam com o seu esforço em demanda da terra da promessa.

la demonstrar-se mais uma vez, que assim como o movimento se accumula, formando-se nos corpos uns como reservatorios e pontos de energia, assim na historia, de idade, para idade, de época em época, se accumulam sentimentos e idéas, que, propellindo a marcha dos phenomenos sociaes, apontam ao homem este fim ultimo da sua vida-o progresso.

---







## XII

### O XVIII século. Conclusão.

Não soara ainda a almejada hora de redempção para os Spartacus da civilização moderna.

As consequências da Reforma haviam sido afogadas em sangue; os discípulos da Revolução religiosa, do movimento iniciado por João Huss, Luthero, Nicolau Stork, Thomaz Munzer e tantos outros martyres da livre critica, pagaram com a vida a sua ousadia. No entanto a Humanidade avançava lentamente para o XVIII século, tribunal immenso onde se havia julgar o pleito secular debatido entre o privilegio e a liberdade. (1)

Mas eis que desponta o sol de 89; eis que o XVIII século toma a palavra em prol do direito e

---

(1) Pode bem dizer-se, que toda a marcha da civilização consiste na conquista da egualdade sobre o privilegio.



da emancipação moderna.

A introdução na Europa do espirito de livre exame, conclusão logica do movimento da Reforma, fez-se lenta e gradual, como um organismo que evoluciona, atravez vicissitudes sem conta.

Fôra d'Allemanha, d'essa velha Germania onde a liberdade moderna immerge as suas raizes mais robustas, que partira o primeiro grito de guerra contra as instituições de um passado que já não respondia ás suggestões da consciencia humana; fôra em Inglaterra e Hollanda onde elle mais se arreigára; em França, porém, n'essa França volúvel e dissolucta, mas sempre prompta a pugnar pelas regalias humanas, sempre acalentando em seu uberrimo seio a virtualidade de um luzidissimo destino historico; n'essa França, continuadora illustre do espirito hellenico, estuaria elle formando e sublime, cortando os horizontes da historia com um largo traço de luz. Esse grande momento psychologico, essa inolvidavel data do espirito humano, chama-se:— 89.

Amalgama enorme de crimes e virtudes, tela immensa onde a luz se confunde com as sombras, em horrivel, por inexperado, empastamento de tintas, o XVIII seculo enthusiasma e aterra. Para bem o comprehender, é mister o valor, a levantada coragem de o encarar de perto, serenamente, de o considerar em todas as suas manifestações, de o fitar face a face, de o estudar, á luz das leis da historia, com todos esses immorredoiros nomes, marcos millenarios da Humanidade, que constellam, como outros tantos soes, os ceus da intelligencia humana, e com todos esses crimes que ensombram os horizontes da liberdade. Não ha negal-o: momento historico é esse tão magestoso, tão sublime, que difficilmente podemos apprehender a harmonia das suas proporções.

No entanto, esse seculo tão calumniado pelos animos pequenos, tem jus á nossa admiração e ao preito sincero de nossa homenagem: a paixão pela Humanidade constitue a sua gloria, a pugnação pelo Direito o seu ideal supremo, o timbre do seu brazão heroico.



É o direito que Voltaire, novo Briareu evangelisa sob todas as fôrmas e por todos os meios, na philosophia, na historia, na tragedia, no conto, nos artigos de polemica; é o direito, que Montesquieu, digno continuador de Cujacio, tira do estudo comparado das legislações do passado; é o direito que Rousseau, alma de mulher e braço de athleta, levanta no *principio da soberania popular*; é o direito que a phalange valorosa dos encyclopedistas, synthetisada no brilhante vulto revolucionario de Diderot e no prudente e tatico d'Alembert, (1) procura gravar no coração do povo; é o direito, finalmente, que Mirabeau, o gigante da palavra, destruindo a realeza, a nobreza e a egreja, defende na phrase celebre—*Le droit, cytoyens, est le souverain du monde!* O povo esperava pela sua hora: Elle, que batido pelos vendavaes da sorte ou pela fatalidade historica só herdara a servidão civil como ferrete de ignominia; elle, que pelas asperrimas sendas da historia, caminhára sempre, pobre viajero, avergado ao peso de sombrios desalentos e de dolorosos soffrimentos; elle, que se vira subjugado e desprezado nas civilisações orientaes, que fôra o odiado *ilota* da Laconia, o misero escravo da jurisprudencia romana; que antegostára um primeiro arrimo no Christianismo, que, no movimento communal, se sonhára entrado na cidade do direito, e que encontrára na realeza de direito divino um defensor egoista; elle chegára ao XVIII seculo vencido e esmagado por todos os privilegios e por todas as prepotencias, mergulhando-se estupidamente na indiferença. Se alguma vez, n'um arrranco de legitima revolta, ousava reivindicar os seus direitos, rapido expiava essa tentativa de independencia, esse nobre impulso em rios de sangue e lagrimas. A servidão parecia, d'esta sorte, um rochedo de Sysypho do qual jamais se libertaria. Mas o Occidente, abalado nos seus alicerces, descerrava novos mundos á actividade humana. França, deixava-se invadir pelo es-

---

(1) Vid. L. Blanc—«*Hist. de la Revol. française*», t. I.



pirito philosophico; Inglaterra, na esteira traçada por Cromwel, entrava audazmente no periodo do seu engrandecimento commercial; Hespanha, saindo da immobildade catholica, levantava-se com os Bourbons; Allemanha, quebrado o poderio dos Hapsbourg, via deslocar-se o predominio da orthodoxa Vienna para a pensadora Berlim; Italia, em meio de suas divisões, de suas luctas intestinas, vibrava sob a aspiração nova, e n'esta transformação dos elementos constitutivos do velho mundo, em meio da anarchia intellectual que se apossava de todos os espiritos, ouvia-se o rir sarcastico de Voltaire e a palavra quente e apaixonada de Rousseau. Era o prenuncio da borrasca, da borrasca que começando pelo sarcasmo acabaria na voz potente de Danton e no puritanismo de Robespierre, esse representante dos principios da sociedade nova, esse fanatico da philosophia de Rousseau.

O homem levantou-se, finalmente, do seu abatimento, acordado á grande voz de 89.

\*

\*

\*

Hoje que vae quasi rodado um seculo sobre essa suggestora licção da historia; hoje, que a Sciencia e a Industria se alteiam esplendorosamente, como os poderes dirigentes da sociedade, orientando-a no sentido da comprehensão nitida dos seus destinos; hoje, que a politica, pela coordenação philosophica dos elementos de evolução social, busca o justo equilibrio do *Individuo* e do *Estado*, ou seja, da *Liberdade* e da *Authoridade*, hoje, não devemos parar a meia encosta, quando vão vencidas grandes difficuldades, na conquista de sacrosanto empenho.

Nos dramas colossaes da historia, todo povo, por humilde que seja, tem a sua hora de martyrio e o seu quinhão de alegrias.

Outr'ora, quando os nossos audazes navegadores lançavam os seus alterosos galeões por sobre o



dorso das vagas espumantes, e a noite, baixando serena e silenciosa, os envolvia em seu manto polvilhado de luz, esses nobres e altivos corações, a cujas rasgadas iniciativas se devem as paginas mais brilhantes da nossa historia, alongavam a vista por longinquos horizontes aonde rebrilhava a estrella pollar, que lhes sorria como estimulo e esperanza a um tempo. Façamos como esses valerosos marinheiros: olhemos bem para o alto, em demanda do nosso norte, e sigamos ávante pela linha recta, traçada pelo Dever.

*Impavidi progrediamur!*

**FIM**

---



## INDICE:

|                                                                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Cap. I —A Raça—pag. ....                                                                                                                      | 15 |
| Cap. II —O Habitat—pag. ....                                                                                                                  | 21 |
| Cap. III—O meio social—pag. ....                                                                                                              | 25 |
| Cap. IV—A lucta pela vida—pag. ....                                                                                                           | 30 |
| Cap. V —A Biologia—pag. ....                                                                                                                  | 33 |
| Cap. VI—Biologia e Historia—pag. ....                                                                                                         | 37 |
| Cap. VII—Oriente e Occidente. As navegações phenicias e a expansão militar persa. O Egypto—pag. ....                                          | 41 |
| Cap. VIII—A Hellade, caracter de sua civilisação. A civilisação occidental e o egoismo historico. Roma, caracter de sua civilisação—pag. .... | 45 |
| Cap. IX—O Imperio. Os barbaros. O elemento roumanico. O Christianismo. Os Arabes. As Cruzadas—pag. ....                                       | 55 |
| Cap. X—O Feudalismo, As Communas. A Realeza. A Renascença—pag. ....                                                                           | 67 |
| Cap. XI. O XVI seculo. A Reforma e os germanos. O XVII seculo—pag. ....                                                                       | 71 |
| Cap. XII O XVIII seculo. Conclusão—pag. ....                                                                                                  | 79 |







biblioteca  
municipal  
barcelos



59941

Ensaio de historia pragmatica